

UM INTERFACE ENTRE O DIREITO HUMANO E ANIMAL
A PERSPETIVA PROFISSIONAL ACERCA DO FENÓMENO DA
ACUMULAÇÃO ANIMAL EM PORTUGAL

MARIA INÊS HENRIQUES CRISTÓVÃO

Orientadora de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA JOÃO VARGAS MONIZ

Professora de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA JOÃO VARGAS MONIZ

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2025

Dissertação de Mestrado realizada sob
a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria João Vargas Moniz,
apresentada no ISPA – Instituto Universitário para
obtenção de grau de Mestre na especialidade de
Psicologia Clínica.

Se és capaz de arriscar numa única parada,
tudo quanto ganhaste em toda a tua vida.
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,
resignado, tornar ao ponto de partida.

De forçar coração, nervos, músculos, tudo,
a dar seja o que for que neles ainda existe.
E a persistir assim quando, exausto, contudo,
resta a vontade em ti, que ainda te ordena: Persiste!

- Rudyard Kipling

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora, Prof. Doutora Maria João Vargas Moniz, por quem tenho uma grande estima, por me ter relembrado do valor da calma e da paciência, por me ter apoiado e por nunca ter desistido de mim ao longo desta viagem.

À Professora Filomena Martins, que no decorrer do ensino secundário, me inspirou a seguir esta área e que marcou fortemente as minhas decisões académicas. A sua carta mudou a minha vida.

À minha mãe, por me fazer acreditar em mim todos os dias, apesar de terem sido muitos os dias em que eu já não acreditava, que me fez sorrir durante os momentos mais difíceis desta viagem e esteve sempre pronta a tornar a vida mais leve, como sempre o fez.

Ao meu pai, que me instruiu desde sempre que o sonho comanda a vida e que a disciplina nos leva até onde desejarmos. Por quem tenho uma grande admiração e apreço.

A ambos agradeço terem-me proporcionado a possibilidade de estudar e de apoiarem de diversas formas a minha jornada na descoberta da vida adulta e académica.

Ao meu irmão pela paciência, disponibilidade e acima de tudo pela cumplicidade que sempre demonstrou.

Ao meu grande amigo Filipe, que me mostrou entre outras coisas o valor de ser autêntico e de viver com garra. Com quem aprendi o verdadeiro significado da expressão integração académica e que mudou não só a minha perspetiva em relação ao meu percurso académico e profissional, mas também acerca da vida, do que significa realmente viver, do que significa aceitar-nos incondicionalmente. Sermos firmes e ousados, mas termos também a humildade de nos permitimos ser e acima de tudo de nos permitimos refletir e partilhar as nossas falhas, sem medos.

Por fim, mas não por último, ao meu parceiro Miguel Pessoa Parreira, que acompanhou desde o início a minha jornada académica, agradeço todo o apoio incondicional, suporte emocional e compaixão que me deu ao longo deste período. Que sempre acreditou nas minhas capacidades e me auxiliou no cumprimento dos meus objetivos e dos meus sonhos.

Resumo

A presente investigação tem como objetivo compreender qual é, atualmente, a perspetiva e a opinião dos diversos profissionais (psicólogos, veterinários, forças de segurança e equipas de intervenção e resgate) em relação à intervenção em situações de acumulação animal em Portugal.

A amostra é composta por 63 participantes. Este estudo assenta numa abordagem qualitativa, recorrendo à transcrição dos relatos fornecidos pelos profissionais e à aplicação de um questionário de natureza qualitativa. O objetivo consistiu em obter um corpo de informação aprofundado que permitisse refletir criticamente sobre as estratégias existentes e fundamentar propostas de melhoria na intervenção utilizada nos casos de acumulação animal em Portugal.

Palavras-chave: acumulação animal, profissionais, intervenção, estratégias.

Abstract

This research aims to understand the current perspectives and opinions of various professionals (psychologists, veterinarians, law enforcement, and interventions and rescue teams) regarding interventions in animal hoarding situations in Portugal.

The sample consisted of 63 participants. This study is based on a qualitative approach, using the transcription of reports provided by professionals and the application of a qualitative questionnaire. The objective was to obtain an in-depth body of information that would allow critical reflection on existing strategies and to substantiate proposals for improving the intervention used in cases of animal hoarding in Portugal.

Key-words: animal hoarding, professionals, intervention, strategies.

Índice

Introdução	4
Revisão de Literatura	6
2.1 Enquadramento clínico	10
2.2 O Perfil da pessoa acumuladora	13
2.2.1 O Cuidador Sobrecarregado (<i>Overwhelmed Caregiver</i>).....	15
2.2.2 O Acumulador Missionário ou de Resgate (<i>Rescue Hoarders</i>)	16
2.2.3 O Acumulador Explorador (<i>Exploitative Hoarders</i>).....	17
2.2.4 O Acumulador Criador (<i>Breeder Hoarder</i>)	17
2.3 Fatores de Risco na Acumulação de Animais	19
2.5 Deteção Precoce do Fenómeno de acumulação de Animais.....	24
2.5.1 Sinais de alerta comportamentais e ambientais.....	24
2.5.2 Papel das comunidades, vizinhança e profissionais na primeira linha	26
2.6 Intervenções e Respostas	27
2.7 Desafios da prevenção e risco de recaída.....	29
Método.....	32
Questões de Investigação	32
Objetivo Geral	32
Objetivos Específicos	33
Grupo de Estudo	34
Procedimento	35
Análise de dados	36
Resultados	39
Caracterização da Amostra	41
Estratégias de Intervenção Consideradas mais Eficazes	42
Barreiras e Desafios na Intervenção.....	46
Potencial da Intervenção Pluridisciplinar.....	49
Desafios da Intervenção Articulada.....	50
Discussão	55
Discussão dos Resultados e Conclusões	55

Limitações	60
Propostas para Estudos Futuros.....	62
Reflexões conclusivas	63
Referências Bibliográficas	65
Anexos.....	71
Anexo A – Questionário <i>Google Forms</i>	71
Anexo B – Guião Semi-estruturado	73
Anexo C – Formulário de Consentimento Informado	82
Anexo D – PowerPoint Focus Group	83
Anexo E – <i>Flyer Focus Group</i>	85
Anexo F – Tabelas.....	87
Anexo G – Diagrama de contributos	98

Índice de Figuras

Figura 1 - Género dos participantes no questionário	36
Figura 2 - Área de residência dos participantes	37
Figura 3 - Anos de experiência profissional dos participantes	37
Figura 4 - Mapa temático.....	39
Figura 5 – Diagrama de contributos: intervenção multidisciplinar	43
Figura 6 – Diagrama de contributos: intervenção com foco no animal	45
Figura 7 – Diagrama de contributos: sistemas de alerta e campanhas de sensibilização	46
Figura 8 – Diagrama de contributos: a pessoa acumuladora	47
Figura 9 – Diagrama de contributos: falhas na comunicação e trabalho em equipa	48
Figura 10 – Diagrama de contributos: ausência de recursos e crenças profissionais	49
Figura 11 – Diagrama de contributos: falta de compreensão sobre o fenómeno da acumulação animal	51
Figura 12 – Diagrama de contributos: comunicação entre os profissionais e coordenação e sensibilização das equipas.....	52
Figura 13 – Diagrama de contributos: disponibilidade, falta de recursos e relação com o acumulador	53

Figura 14 – Diagrama de contributos: formação.....54

Introdução

No decorrer das últimas décadas, tem-se observado um aumento progressivo dos casos de acumulação, nomeadamente de acumulação animal. Consequentemente, esta problemática tem adquirido uma relevância cada vez maior, não só no aumento de pesquisas acerca deste tema, mas também na construção de políticas e estratégias de intervenção prática.

Este fenómeno deixou de ser interpretado exclusivamente como uma expressão de dificuldades individuais, passando a ser reconhecido como uma realidade bastante complexa e multidimensional, com repercussões diretas na saúde humana, no bem-estar animal e na própria comunidade.

Apesar da maior visibilidade alcançada nos últimos anos, o conhecimento científico existente acerca da acumulação animal permanece limitado. Torna-se, por isso, imperativo desenvolver estratégias de intervenção com carácter interdisciplinar e pluridisciplinar, capazes de integrar as dimensões clínica, jurídica e de bem-estar animal, permitindo a criação e implementação de protocolos de atuação mais eficazes e sustentáveis (Nathanson,2009; Patronek & Nathanson,2009).

A presente investigação surge não apenas de um interesse académico, mas também de um compromisso ético e pessoal com a defesa dos direitos humanos e dos direitos dos animais. Enquanto ativista neste campo, tenho procurado contribuir para a proteção e o acolhimento de animais em situação de vulnerabilidade.

Simultaneamente, a escolha da psicologia como área de formação e prática profissional reflete uma motivação semelhante: a convicção de que a promoção da saúde mental e da dignidade humana constitui um alicerce na defesa dos direitos humanos.

Desta forma, este estudo surge do encontro entre a minha experiência pessoal e o enquadramento científico, buscando contribuir para uma reflexão que sirva como união entre a ética, a ciência e a prática.

Com o aprofundamento do conhecimento nesta área de investigação, este estudo tem como propósito contribuir para a produção de informações que possam, no futuro, ser úteis à prevenção e à intervenção em situações de acumulação animal. Pretende-se, em particular, enriquecer a prática profissional, fornecendo mais conhecimento sobre este tipo de comportamento e promovendo a transformação de sugestões teóricas em prática aplicáveis.

Idealmente, as recomendações resultantes poderão servir de base para a construção de planos de intervenção futuros, potenciando assim a implementação de estratégias eficazes.

Através da análise das estratégias de intervenção que os profissionais consideram mais eficazes, dos desafios associados à sua aplicação, do potencial da intervenção multidisciplinar e das barreiras que esta enfrenta, procura-se compreender as perspetivas e opiniões de diferentes profissionais, como psicólogos, veterinários, forças de segurança e equipas de intervenção e resgate, relativamente à intervenção em casos de acumulação animal em Portugal.

Esta dissertação inclui, numa primeira fase, uma revisão de literatura sobre a acumulação nas suas várias vertentes. Segue-se a apresentação do método, onde se descrevem as questões, os objetivos da investigação, bem como os procedimentos utilizados.

Posteriormente, são expostos os resultados obtidos, a discussão dos mesmos e, por fim, as reflexões conclusivas.

Revisão de Literatura

A acumulação animal representa um fenómeno bastante complexo e multifatorial, que envolve não só fatores sociais e psicológicos, mas também temas interligados com o bem-estar animal. É indispensável explorar e compreender as motivações, as dinâmicas subentendidas e as consequências desta problemática, para que se desenvolvam estratégias de intervenção eficazes, particularmente no que diz respeito à interação entre os profissionais e as pessoas acumuladoras.

Considerando que o presente estudo assume um carácter exploratório descritivo, esta revisão de literatura tem como objetivo proporcionar uma perspetiva mais ampla sobre a acumulação animal, tendo em conta as diferentes vertentes que integram este fenómeno, assim como analisar o aumento da relevância do mesmo nos últimos tempos.

Alguns dos tópicos que serão abordados são a definição deste fenómeno nas suas múltiplas facetas, o destaque para a necessidade da abordagem *One Health*, o perfil da pessoa acumuladora, os diferentes tipos de acumuladores existentes, assim como o papel do antropomorfismo no contexto da acumulação.

Por fim, serão exploradas as intervenções existentes, os desafios da prevenção e da recaída, de forma a encerrar a revisão com uma interligação entre a necessidade da criação de uma abordagem multidisciplinar com o objetivo deste estudo.

A acumulação animal tem como principal característica a necessidade de ter e manter um número atípico de animais de companhia, o que acaba por levar à negligência severa, não só das necessidades, como dos cuidados básicos dos mesmos. Existe uma falha em providenciar condições mínimas de nutrição, saneamento e cuidado veterinário, assim como uma negação aparente desta inaptidão em gerir os cuidados mínimos e das consequências desta falha tanto nos animais, como nas suas residências e respetivos ocupantes (Patronek et al, 2006).

A história da acumulação animal teve início durante o século XIX, com um dos primeiros casos documentados pelo autor Hartwell (2014), que a partir de relatos feitos pela imprensa, descreveu o caso de Mary Chantrell. Esta teria sido multada pela primeira vez em 1855, com um valor de cinco libras, por manter gatos na sua residência, que apresentavam sinais evidentes de desnutrição extrema. Nos vinte anos que se sucederam, surgiram diversas denúncias e acusações legais contra Chantrell e o seu cônjuge. A justificação do casal seria o

facto dos animais servirem de inspiração para a criação de trabalhos artísticos (Hartwell, 2014 cit. por Lockwood, 2018).

Segundo a documentação guardada sobre este caso, o autor Hartwell afirma que Mary Chantrell teria, em 1866, aproximadamente 150 gatos vivos e 50 falecidos na sua residência, sendo que, alguns destes já se encontravam num estado de decomposição bastante avançado (Hartwell, 2014 cit. por Lockwood, 2018).

Devido a esta situação, a habitação foi descrita como muito pouco salubre e encontrava-se com um odor bastante marcante (Lockwood, 2018).

A acumuladora teria armazenado ao longo dos anos não só gatos, mas também outras espécies, como cães e raposas (Lockwood, 2018).

O comportamento de acumulação animal foi identificado pela primeira vez em 1981, pelos autores Worth e Beck, que o descreveram como uma prática associada à doença, fome e morte dos animais, bem como à negligência de si próprio e dos outros, culminando frequentemente na deterioração da própria residência (Patronek & Nathanson, 2009).

Durante a década de 1990, o autor Patronek (1999), em colaboração com o *Hoarding of Animals Research Consortium* (HARC), sugeriu a utilização do conceito “acumulação de animais”, em detrimento do termo “coleccionismo” utilizada pelos autores Frost e Steketee, que se revelou pouco adequada e precisa, já que retratava uma realidade associada a passatempos (Frost, Steketee & Williams, 2000).

No ano de 2002, o HARC anunciou uma definição formal do fenómeno da acumulação, que tinha por base critérios específicos, nomeadamente: a detenção de um número muito elevado de animais de companhia; a incapacidade de dar resposta às necessidades mínimas de nutrição, higiene, abrigo e cuidados veterinários; a negação persistente desta incapacidade e das consequências claras que esta tem nos animais; e por fim a continuidade do comportamento de acumulação, mesmo existindo provas claras do insucesso em lhes prestar os cuidados adequados.

É comum que os animais acumulados sofram altos níveis de doenças infecciosas e lesões ou patologias não tratadas devido à falta de alimentação adequada, cuidados, atenção veterinária e tratamentos. Como consequência deste quadro, em muitos casos, é recorrente que existam animais mortos e cadáveres em decomposição presentes na residência (Berry et al, 2005).

Em alguns casos, os donos mantêm deliberadamente os corpos dos animais (Patronek & Nathanson, 2009) sendo que podem até chegar a armazená-los em congeladores (Vaca-Guzman & Arluke, 2005). Noutras situações, os corpos podem ser guardados de maneira inadequada, muitas vezes juntos, o que agrava a situação (Patronek, 2006).

É importante salientar que o manter grandes números de animais não é, só por si, um indicador de acumulação. A acumulação ocorre então, quando um número de animais é mantido de forma inapropriada, e num ambiente que não é adequado e onde as necessidades básicas dos animais não são atendidas (Patronek et al., 2006).

Nas últimas décadas, tem-se vindo a verificar um aumento de casos relacionados com a acumulação tanto de objetos, como de animais. Assim, esta temática tem vindo a assumir uma relevância crescente, tanto em ambiente académico, como na construção de políticas públicas e da intervenção a nível prático.

Este fenómeno já não é apenas considerado uma manifestação de um problema a nível individual, mas passou sim a ser compreendido como um problema multidimensional com impacto direto na saúde humana, no bem-estar animal e na comunidade em geral.

Todavia, a acumulação animal diferencia-se de outros tipos de acumulação por existir uma relação clara entre os acumuladores e seres vivos (os animais), cujos direitos e bem-estar são severamente negligenciados.

Segundo Arluke e colaboradores (2017), a acumulação animal pode ser vista como uma forma de maltrato animal complexo, por ter implicações éticas significativas, principalmente, no que se refere à crueldade animal. Apesar de não existir uma intenção explícita de maltratar animais na maioria dos casos, a incapacidade de fornecer cuidados básicos resulta em sofrimento severo e até morte, o que caracteriza uma forma extrema de negligência e crueldade animal (Arluke, 2006).

Acresce que este comportamento pode resultar na criação de um problema grave para a saúde pública. Com efeito, a convivência prolongada em ambientes insalubres, com diversas deficiências a nível de higiene e ausência de cuidados adequados aos animais, aumenta assim exponencialmente o risco de doenças transmissíveis, além de implicar repercussões legais e sociais (Patronek & Nathanson, 2009).

Deste modo, é fundamental sinalizar alguns aspetos críticos, como sejam, aqueles que decorrem da acumulação de matéria orgânica, como fezes, folhas ou papel, que cria condições

favoráveis para a proliferação de agentes responsáveis pela transmissão de leishmanioses e outras doenças. Além disso, o ambiente insalubre atrai também outros animais como baratas, pombos e pequenos roedores.

O excesso de animais em espaços reduzidos pode também contribuir para situações de stress dos próprios, promovendo fugas que aumentam a probabilidade de acidentes rodoviários e a ocorrência de mordeduras (Ministério da Saúde, 2010, Patronek, 2016, cit. por Silva Júnior et al., 2020).

Estes fatores contribuíram fortemente para o aumento da visibilidade mediática de casos graves, aliado ao reconhecimento das implicações legais, sanitárias e sociais, o que tem contribuído para que a acumulação de animais seja, atualmente, encarada como um desafio de intervenção prioritário.

É neste contexto, que a abordagem *One Health* se torna imprescindível, ao reconhecer a interdependência entre a saúde humana, saúde animal e saúde ambiental, propondo um enquadramento integrador para compreender e intervir eficazmente neste fenómeno.

Atualmente, não existe um consenso acerca de uma definição única e universalmente aceite para o conceito de *One Health*, embora várias propostas tenham sido apresentadas. A definição mais extensivamente reconhecida, adotada tanto pelos *Centers for Disease Control and Prevention* dos Estados Unidos como pela *One Health Commission*, descreve o *One Health* como “uma abordagem colaborativa e transdisciplinar, aplicada em níveis locais, regionais, nacionais e globais, que visa alcançar os melhores resultados possíveis em saúde, reconhecendo a interdependência entre seres humanos, animais, plantas e o ambiente em que estes coabitam” (Mackenzie & Jeggo, 2019).

O *One Health Institute of the University of California at Davis* (cit. por Mackenzie & Jeggo, 2019) descreve o conceito *One Health* como “uma abordagem orientada para promover o bem-estar humano, animal e ambiental, através da resolução conjunta de problemas a nível local, nacional e internacional”.

A colaboração entre diferentes disciplinas é um elemento crucial para o conceito *One Health*. Apesar de a comunidade veterinária já ter integrado amplamente esta abordagem, o mesmo ainda não se verificou de forma generalizada noutras áreas. No âmbito da perspetiva *One Health*, a acumulação de animais deve ser analisada para além da mera posse de vários animais de companhia, porquanto esta prática afeta a saúde, o bem-estar e a segurança dos

detentores, dos próprios animais, das famílias envolvidas, da qualidade ambiental e salubridade das habitações e da comunidade envolvente (Patronek, 1999, cit. por Schiavo et al., 2024).

2.1 Enquadramento clínico

No que diz respeito à vertente clínica, a acumulação animal ou *Animal Hoarding*, é uma manifestação especial da perturbação de acumulação. Inicialmente, a acumulação animal foi classificada no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM), como um sintoma de derivação da perturbação obsessivo-compulsiva. Contudo, após a publicação da quinta edição, versão texto revisto, do DSM (*DSM-5-TR*), a acumulação foi retirada da categoria da perturbação obsessivo-compulsiva, deixando assim de ser um subtipo desta perturbação e passando a ser oficialmente classificada como uma perturbação independente, incluído no novo capítulo intitulado de *Perturbações Obsessivo-Compulsivas e Outras Relacionadas* (APA, 2022).

No que diz respeito a esta classificação, a acumulação animal é compreendida como uma manifestação especial ou um subtipo da perturbação de acumulação, que pode ser considerada uma condição independente, apesar de ainda existirem debates atualmente sobre a sua origem e o que a diferencia de outros tipos de acumulação (APA, 2022).

O comportamento de acumulação é caracterizado pela dificuldade do acumulador em desfazer-se de objetos, o indivíduo sente ansiedade ou stress quando precisa de descartar algo. Isto leva a um acumular excessivo de itens, o que acaba por ocupar a maioria dos espaços da residência e dificulta a circulação ou o funcionamento normal do ambiente, ao ponto de tornar os espaços da residência inapropriados para o seu uso original e causar sofrimento ou prejuízo funcional significativo (Frost & Hartl, 1996, cit. por Patronek & Nathanson, 2009).

Embora o *DSM-5-TR* não especifique claramente se a acumulação de animais deve ser incluída como parte deste diagnóstico, ele sugere que esta prática pode ser vista como uma forma específica da perturbação de acumulação (APA, 2022, p. 338).

Quando comparado à acumulação de objetos, o conceito inicialmente descrito como acumulação compulsiva não contemplava a possibilidade de estarem envolvidos seres vivos,

uma vez que os animais acumulados contrariamente aos objetos, são seres sencientes¹ e capazes de sentir sofrimento e dor. Existe claramente uma distinção social demarcada entre bens inanimados e animais (Otto, 2007, cit. por Patronek & Nathanson, 2009).

A desorganização da residência dos acumuladores tende a resultar num excesso de lixo e de objetos associados à manutenção dos animais, nomeadamente, comida, recipientes, jornais, gaiolas e areia, que leva frequentemente à degradação progressiva da habitação e à impossibilidade de manter um ambiente organizado (HARC, 2002).

Além disso, é de destacar que a acumulação de animais tem consequências graves no que diz respeito à saúde pública, e pode muitas vezes levar ao aumento do risco de proliferação de odores, exposição a incêndios e até mesmo o desabamento dentro das residências (Patronek & Nathanson, 2009).

Segundo a literatura, não existem provas de que os acumuladores de animais atribuam um valor específico aos objetos que estão acumulados nas suas residências. Desta forma, as repercussões derivadas da acumulação animal estão mais próximas das condições de insalubridade severas, do que dos critérios da acumulação de objetos (Snowdon et al., 2007, cit. por Patronek & Nathanson, 2009).

Apesar da falta de consenso no que diz respeito a como organizar os critérios desta perturbação, a maioria dos trabalhos de investigação optaram por utilizar os critérios de

¹ Conforme a Declaração de Cambridge sobre a Consciência, que resultou da análise de especialistas das áreas de neurociência cognitiva, neurofarmacologia, neurofisiologia, neuroanatomia e neurociência computacional, redigida por Philip Low, editada por Jaak Panksepp, Diana Reiss, David Edelman, Bruno Van Swinderen, Philip Low e Christof Koch. A Declaração foi anunciada publicamente em Cambridge, Reino Unido, em 7 de julho de 2012, na Conferência Memorial Francis Crick sobre Consciência em Animais Humanos e Não Humanos, realizada no Churchill College da Universidade de Cambridge, por Low, Edelman e Koch, que declarou “A ausência de um neocórtex não parece impedir que um organismo experimente estados afetivos. Evidências convergentes indicam que animais não humanos têm os substratos neuroanatômicos, neuroquímicos e neurofisiológicos dos estados de consciência juntamente com a capacidade de exibir comportamentos intencionais. Consequentemente, o peso das evidências indica que os humanos não são os únicos a possuir os substratos neurológicos que geram a consciência. Animais não humanos, incluindo todos os mamíferos e aves, e muitas outras criaturas, incluindo os polvos, também possuem esses substratos neurológicos” (Low, 2012).

diagnóstico proposto por Patronek (1999) para a categorização dos acumuladores animais (Joffe et al., 2014, cit. por Nadal et al., 2022).

Perto do fim da década de 1990, o autor Patronek assinou o *Hoarding of Animals Research Consortium*, e adicionou a negação do indivíduo em cuidar adequadamente dos animais e o desespero em acumular mais animais como parte do critério, o que deu ênfase à natureza egossintônica dos sintomas da perturbação de acumulação (HARC, 2002).

Como referido anteriormente, a acumulação é um fenómeno que pode envolver tanto animais, como objetos inanimados ou bens alimentares. Quando se verifica a acumulação de animais, é comum a utilização do termo Síndrome de Noé, enquanto a acumulação de objetos está frequentemente associada à designação de Síndrome de Diógenes (Moniz et al., 2021).

Apesar de não ser uma categoria diagnóstica, o Síndrome de Diógenes, corresponde a uma perturbação comportamental, que é caracterizada por padrões disfuncionais de acumulação, condições de insalubridade, negligência pessoal e fraca perceção da natureza prejudicial destes comportamentos (Irvine & Nwachukwu, 2014).

Este síndrome aparece descrito no DSM-5 como uma Perturbação de Acumulação, caracterizada pela dificuldade persistente em descartar objetos pessoais, independentemente do seu valor ou utilidade, acompanhada de sofrimento emocional significativo perante a possibilidade de os eliminar (APA, 2022, p. 337).

A literatura existente acerca desta temática associa esta perturbação a conflitos interpessoais, incapacidade para o desempenho profissional e a uma diversidade de problemas de saúde, incluindo níveis elevados de ansiedade e depressão, disfunção familiar e social e declínio progressivo das capacidades funcionais (Tolin et al., 2008).

O DSM-5 contempla uma variante da perturbação, a perturbação de acumulação de animais, também conhecida como Síndrome de Noé. Novamente, é importante salientar que este síndrome não é uma categoria de diagnóstico, sendo apenas considerada uma subcategoria. Esta variante manifesta-se pela acumulação de múltiplos animais, frequentemente cães e gatos, como substitutos de companhia. Nestas situações, como descrito no capítulo anterior, observam-se condições graves de insalubridade, ausência de consciência crítica em relação à acumulação, resistência à ajuda externa, incapacidade de solicitar apoio e manutenção dos animais em estado de subnutrição e com problemas de saúde (Patronek, 1999, cit. por Schiavo et al., 2024).

2.2 O Perfil da pessoa acumuladora

Como anteriormente referido, a acumulação animal consiste na aquisição excessiva de animais e esta ação tem como consequências a pobre higiene pessoal dos acumuladores, assim como a negligência do bem-estar dos animais (Patronek et al., 2006).

É com alguma regularidade que o acumulador não tem capacidade de reconhecer os problemas ou as consequências que as suas ações causam.

No que diz respeito às características de acumuladores de animais, 70% a 83% dos casos são relativos ao sexo feminino. Apesar de não existir uma explicação exata sobre este facto, isto pode estar relacionado com a presença de uma maior empatia das mulheres com os animais, em particular animais de companhia (Patronek, 1999).

Diversos estudos descrevem o perfil mais frequente da pessoa acumuladora como sendo o de uma mulher, geralmente de meia-idade ou idosa, sem histórico de compromissos românticos e socialmente isolada. Nestes casos, os animais mais frequentemente acumulados são os gatos e os cães (HARC, 2002; Patronek & Nathanson, 2009; Steketee et al., 2011).

Para além do género, as faixas etárias mais comuns dos acumuladores variam entre 50 e 60 anos e geralmente estes residem sozinhos ou em situações familiares em que existem pessoas com algum tipo de dependência (Steketee & Frost, 2014).

Calvo e colaboradores (2014) realizaram um estudo sobre 24 casos de acumulação de animais em Espanha, onde identificaram alguns padrões comuns nos acumuladores. Em particular, conclui-se que os homens apresentavam tendência para acumular excessivamente cães, enquanto as mulheres não evidenciam uma preferência clara por determinada espécie, sugerindo assim que o género pode influenciar o tipo de animal acumulado.

Devido à grande maioria dos acumuladores serem socialmente isolados, em muitos casos não existe uma deteção das condições precárias em que os animais estão. A maioria dos indivíduos que sofrem desta perturbação exibem, com frequência, sintomas de autonegligência, apatia, isolamento social e uma incapacidade de cuidar de si mesmos e do que os rodeia. Isto pode dar origem a sérios danos nas suas atividades familiares, ocupacionais e sociais. A acumulação animal causa altos níveis de stress e ansiedade aos indivíduos, quando os mesmos são impedidos de adquirir novos animais, e este comportamento tem um efeito substancial na capacidade de os mesmos funcionarem no quotidiano (Patronek, 1999).

Num estudo sobre 24 casos de acumulação de animais em Espanha, observou-se que os acumuladores de animais enfrentavam com regularidade dificuldades financeiras e teriam um apoio bastante escasso para superar este tipo de situações (Calvo et al., 2014).

Segundo Nathanson et al. o cão é a espécie mais comumente acumulada e a média de animais acumulados por pessoa ronda os 39, mas podendo ultrapassar os 100 (Nathanson, 2009).

Como já descrito, os acumuladores de animais também acumulam objetos, como roupas, jornais e outros objetos, assim como lixo, ou alimentos (Arluke et al., 2002). Devido a esta situação, a maioria dos indivíduos acumuladores apresenta habitações severamente degradadas e comprometidas de uma maneira tão grave que as divisões da residência deixam de cumprir a sua função original (Patronek, 2001).

Diversas pesquisas apontam também para a presença de comorbidades de outras perturbações nos acumuladores de animais, como é o caso da depressão, demência, perturbação obsessivo-compulsiva, perturbações de ansiedade ou até psicose (Frost & Steketee, 2010).

No que diz respeito à distribuição geográfica, podemos afirmar que apesar de não existir um padrão específico para a classe social e área geográfica, a maioria dos estudos indicam que a acumulação animal é mais prevalente em áreas urbanas. Por norma, nestas áreas o espaço é mais restrito e a acumulação demora mais tempo a ser identificada. É de notar que nas áreas menos habitadas, este problema de identificação também existe, o que faz com que na maioria das vezes a severidade da acumulação não seja devidamente percebida, pelo menos até que as condições de vida se tornem insalubres (Frost & Steketee, 2010).

Em suma, o comportamento da acumulação animal manifesta-se em indivíduos de todas as faixas etárias, sociais e económicas. Graças às características introvertidas e ao isolamento, muitos acumuladores conseguem manter uma vida profissional aparentemente normal. Existem diversos estudos que narram a existência de comportamentos de acumulação animal em todo o tipo de profissões, estudantes, bem como indivíduos de contextos socioeconómicos menos favorecidos (Patronek, 2001 cit. por Lockwood, 2018).

Patronek e colaboradores (2006), identificaram vários tipos e acumuladores de animais, cada um com características e motivações bastante distintas. O que conduz o desejo de acumulação animal, deriva das diferentes características de cada acumulador.

Existem duas formas principais de aquisição de animais, a aquisição ativa e passiva. Uma das formas de recolha de animais ativa é a verificação de resgates ou anúncios e uma forma de recolha passiva é através da não esterilização de animais, em que estes se reproduzem sem qualquer tipo de controlo. Ambas as formas de aquisição, ativa e passiva estão fortemente associadas à necessidade de resgate e salvamento dos animais e à negação da falta de condições em que estes vivem. Apesar de alguns animais se poderem encontrar num estado de doença grave ou até mortos, o acumulador terá sempre dificuldades em descartar os mesmos (Patronek, 1999).

Foi proposto um conjunto de três tipos distintos de acumuladores, nomeadamente o “acumulador sobrecarregado”, “o acumulador missionário”, e o “acumulador criador”. Universalmente, no meio dos autores que investigam esta área não existe um consenso no que diz respeito a esta categorização (Patronek & Nathanson, 2009). É importante salientar que para ajudar a compreender as peculiaridades de cada tipo de acumulador, esta divisão é essencial. Não só permite entender melhor os diferentes aspetos desta temática, mas também permite ajustar melhor qual a abordagem de intervenção mais adequada para cada indivíduo (Williams, 2014).

2.2.1 O Cuidador Sobrecarregado (*Overwhelmed Caregiver*)

Uma das principais características do cuidador sobrecarregado é a aquisição de animais de maneira passiva, com grande ênfase no método de evitamento da esterilização dos animais, levando à reprodução sem controle. Este enfrenta dificuldades em assegurar cuidados adequados aos animais devido à perda ou luto de uma pessoa importante, à mudança devido a um evento impactante, ou o surgimento de um trauma ou mudança nas circunstâncias da vida do indivíduo e tende a minimizar esses problemas em vez de os negar, embora não consiga resolvê-los eficazmente (Frost & Steketee, 2010).

Apesar de existir nestes indivíduos uma capacidade de insight e reflexão sobre os problemas que advém da acumulação, estes apresentam uma tendência para relativizar e minimizar as circunstâncias, em consequência da conexão emocional que desenvolvem pelos animais. É bastante comum existir um agravamento deste tipo de acumulação fomentado pelo ato de abandono ou pedido de ajuda de vizinhos ou conhecidos, que procuram frequentemente descartar esses animais na residência deste tipo de acumulador (Patronek & Nathanson, 2009).

Ao contrário da maioria dos acumuladores, estes indivíduos são menos reservados e têm uma tendência frequente a colaborar com as autoridades e com diversas instituições e associações relacionadas ao controle e defesa da população de animais (Patronek et al., 2006). De um modo geral, não demonstram déficits significativos no funcionamento profissional e social (Lockwood, 2018).

A intervenção realizada neste tipo de situações, deve consistir numa abordagem centrada na educação contínua e na monitorização e apoio regular dos diversos profissionais (Patronek et al., 2006; Frost & Steketee, 2010). As respostas legais a estes casos costumam ser habitualmente bastante limitadas (Lockwood, 2018).

2.2.2 O Acumulador Missionário ou de Resgate (*Rescue Hoarders*)

Neste tipo de acumulador, a acumulação ativa é a mais comum e a aquisição de animais é realizada maioritariamente através da convicção instalada do acumulador de que estão a resgatar ou a salvar o animais da morte iminente. Este tipo de acumulador acredita fortemente que nenhum animal deve ser eutanasiado, apesar do estado de doença ou de sofrimento em que se encontra (Frost & Steketee, 2010).

O acumulador deste tipo representa um dos maiores desafios para as autoridades das forças de segurança pública devido à dimensão e aos custos dos casos. Este tipo de acumulador tem por norma acumular centenas de animais (Manning, 2011, cit. por Lockwood, 2018).

Os acumuladores missionários tendem a apresentar um nível superior de suporte social, quando comparado aos acumuladores sobrecarregados, pois recebem com frequência auxílio e apoio de outros indivíduos. Isto acontece porque muitas vezes estes acumuladores alegam estar relacionados a alguma associação ou abrigo de animais, cuja missão é salvar o máximo de animais possível (Williams, 2014).

Contudo, a capacidade de gerir este número de animais vai diminuindo com o aumento do número de animais que acumulam. Este tipo de acumulador é menos propenso a responder às intervenções realizadas por profissionais e isto está relacionado, novamente, com a presença da convicção de que nenhum animal deve ser eutanasiado (Patronek et al., 2006).

O indivíduo vê todas as instituições que tentam intervir e ajudar como uma ameaça e tende a desvalorizar a medicina veterinária convencional e a recorrer a outros métodos, pois

existe uma percepção de que as suas competências com os animais são únicas e que não causam danos (Lockwood, 2018).

Geralmente, a intervenção nestes casos tem de ser feita através de medidas legais, pois a retirada dos animais é a única maneira de garantir que os animais saem destas condições precárias (Patronek et al., 2006; Frost & Steketee, 2010). As crenças e as atitudes destes acumuladores geralmente tornam a reincidência quase inevitável (Lockwood, 2018).

2.2.3 O Acumulador Explorador (*Exploitative Hoarders*)

Os acumuladores exploradores diferem em grande parte dos outros tipos de acumuladores pela falta de empatia severa pelos animais e humanos em geral. Este tipo de acumulador caracteriza-se pela presença de características carismáticas e aspetos de personalidade charmosos, mas, no entanto, escondem motivações de acumulação profundamente egoístas e narcísicas (Williams, 2014).

Este tipo de acumulador, por norma recebe sempre algum tipo de compensação em troca da acumulação dos animais, como por exemplo ganhos financeiros e outras formas de compensação. Acresce que, estes acumuladores utilizam frequentemente táticas de manipulação e controle não só nos animais, como também nas pessoas (Frost & Steketee, 2010).

A falta de culpa e remorso e a negação constante acerca das condições em que os animais se encontram tornam a intervenção particularmente difícil nestes casos. A intervenção deste tipo de acumulador é semelhante ao acumulador missionário, pois envolve a atuação com recurso a medidas legais (Patronek et al., 2006; Frost & Steketee, 2010).

2.2.4 O Acumulador Criador (*Breeder Hoarder*)

Embora Patronek e colaboradores (2006) não tenham aprofundado a descrição deste tipo de acumulador com tanta intensidade, considera-se que este pode ser visto como uma variante do acumulador missionário.

O comportamento deste tipo de acumulador destaca-se em grande parte, pela aquisição de animais, sem realizar a devida esterilização, o que dá origem à reprodução descontrolada dos animais. Existe também neste tipo de acumulador a convicção de que tem de salvar os animais independentemente das condições em que os mantém (Elliott et al., 2019).

Apesar de existirem diversos tipos de comportamentos de acumuladores de animais, existem algumas convicções frequentes entre eles, nomeadamente a aparente conexão emocional entre acumulador e animal, que é o fator chave para a negação e banalização das condições em que os animais vivem (Elliott et al., 2019).

É ainda de destacar que apesar das motivações poderem variar de acumulador para acumulador, todas acabam por envolver algum tipo de necessidade psicológica, como a necessidade de controlo e a procura insistente por identidade e autoestima (Elliott et al., 2019).

O desejo compulsivo destes indivíduos pode ser equiparado ao comportamento por vícios, em que existe uma vontade acrescida de continuar a acumular animais, independentemente das condições dos mesmos serem negligenciadas, levando a uma negação dos cuidados providenciados aos animais (Elliott et al., 2019).

O modelo proposto e apresentado por Patronek e colaboradores (2006) é uma categorização essencial para entender melhor estes indivíduos. Contudo, continua a ser necessário um reforço da validação deste modelo.

2.3 Fatores de Risco na Acumulação de Animais

Como já descrito anteriormente, a acumulação animal tem características extremamente complexas e deriva de diferentes fatores. Esta multifatorialidade pode ser devido a fatores sociais, psicológicos e ambientais. Alguns estudos referem que a presença de eventos traumáticos tanto no período da infância como da vida adulta, dificuldades no processamento cognitivo e déficits na capacidade de insight são algumas das características que estão continuamente a ser interligadas com esta condição (Steketee et al.,2011).

Diversos estudos descrevem que os indivíduos que acumulam frequentemente tanto objetos, como animais, demonstram uma grande frequência de traumas ou eventos de vida adversos (Patronek & Nathanson, 2009; Steketee et al.,2011). Alguns fatores como, por exemplo, a utilização de punição física em demasia e a existência de perturbações mentais nos progenitores foram fortemente associados ao desenvolvimento tardio da acumulação de objetos (Samuels et al., 2008).

No que diz respeito à acumulação de animais, relatos derivados de pesquisas anedóticas² indicam que estes indivíduos têm tendência a manifestar um histórico de abuso, negligência parental ou ausência de cuidadores durante o período da infância (Patronek & Nathanson, 2009).

² As evidências anedóticas têm por base descrições de experiências pessoais, testemunhos individuais ou observações causais, em que o investigador recolhe dados de forma livre e sem uma estrutura tão rígida. Estas evidências não são o resultado de nenhum método científico sistemático (Given, 2008).

Existem alguns relatos de famílias em que diferentes gerações de indivíduos aparentam ter este comportamento, mas desconhece-se se todas as gerações teriam comportamentos ativos de acumulação (Steketee et al., 2011).

Contudo, já existem alguns estudos que demonstram um padrão familiar de primeiro grau no que diz respeito ao comportamento de acumulação de objetos. Estas pesquisas sugerem também que existe uma grande componente genética no que concerne as famílias dos indivíduos com comportamentos de acumulação, no entanto, é importante salientar que este estudo envolveu outras perturbações, para além de indivíduos acumuladores (Hirschtritt & Mathews, 2014, cit. por Lockwood, 2018). Em conclusão, até à atualidade, não foram identificados estudos que investiguem de forma específica os possíveis contributos genéticos associados, exclusivamente, à acumulação de animais.

Relativamente à etiologia cerebral da acumulação, em investigações recentes já foram identificadas algumas regiões cerebrais implicadas nos comportamentos de acumulação e continuam a ser desenvolvidos estudos sobre esta temática, todavia, ainda não existem investigações dirigidas apenas ao fenómeno da acumulação animal (Slyne & Tolin, 2014, cit. por Lockwood, 2018).

Steketee e colaboradores (2011) descobriram que as pessoas que, frequentemente, acumulam animais descrevem uma infância mais conturbada e relações familiares extremamente mais negativas do que apenas os proprietários de diversos animais. Além desse facto, os acumuladores de animais tendem, a demonstrar uma aparente dificuldade em estabelecer vínculos afetivos seguros. Este fator pode dar origem a um apego disfuncional no que diz respeito aos animais (Patronek & Nathanson, 2009).

O autor Rynearson (1978) afirmava que as crianças que experienciaram vivências com famílias disfuncionais, poderiam utilizar os animais como um meio possível de substituir as interações humanas, devido ao não julgamento e à recetividade dos mesmos. Todavia, este vínculo com os animais pode, de alguma forma, tornar-se patológico, pois os animais não têm a mesma capacidade de suporte e orientação que um cuidador humano.

No que diz respeito à literatura sobre a teoria da vinculação é mencionado que, quando existe uma falha em criar uma vinculação com os cuidadores primários, há uma tentativa de recorrer a figuras secundárias para preencher esse vínculo, nomeadamente podem recorrer a uma tentativa de o fazer com animais (Dutra & Westen, 2002). Desta forma, a dependência

emocional de animais pode surgir como um meio de compensação de traumas experienciados durante a infância (Lyons-Ruth et al., 2006).

Diversas características de personalidade disfuncionais foram descobertas nos acumuladores de animais, nomeadamente a ansiedade, a insegurança na vinculação, desregulação cognitiva, comportamento narcisista e explorador e falta de empatia (Livesley, 2007).

Estes traços destacam-se especialmente no tipo de acumulador conhecido como explorador, que apresenta características que incluem a ausência de empatia tanto com os animais, como com os humanos (Patronek et al., 2006).

A acumulação é um comportamento que parece estar fortemente associado a alterações nos mecanismos cerebrais responsáveis pela tomada de decisão, funcionamento cognitivo global e a impulsividade, entre outros fatores. Foi descoberto que, aproximadamente 70% das pessoas acumuladoras, apresentavam déficits significativos no que concerne a capacidade de processamento de informações e no processo de tomada de decisões (Nathanson, 2009). Estes déficits cognitivos estão fortemente alinhados com a falta de capacidade de insight, ou seja, em compreender e interpretar estados mentais relativamente a si mesmos e aos outros (Frost & Steketee, 2010).

A ausência de insight é um dos aspetos centrais relativamente à acumulação de animais. Diversos acumuladores residem em condições insalubres, constantemente rodeados de cadáveres ou animais doentes, mas não possuem a capacidade de reconhecer a gravidade da situação (Patronek et al., 2006).

Outro dos fatores de risco dos acumuladores de animais, é a visão de que os seus animais são membros pertencentes à sua família e a atribuição de características humanas aos mesmos (Steketee et al., 2011). Quando os acumuladores comparam interações sociais humanas e a convivência com os seus animais, a maioria escolhe a companhia dos mesmos (Patronek & Nathanson, 2009). As pessoas acumuladoras descrevem frequentemente os seus animais como netos, irmãos ou até filhos, e acreditam que estes têm uma capacidade especial de comunicar com eles (Nathanson, 2009).

Estas representações revelam como, para muitos indivíduos acumuladores, a ligação estabelecida com os animais ultrapassa o que pode ser considerado o afeto comum e forma-se através de um processo de atribuição de significados humanos (Arluke et al., 2002). Esta

tendência para antropomorfizar os animais, associada a níveis elevados de empatia é um fator fundamental para compreender o elo humano-animal no contexto da acumulação, o qual será aprofundado no capítulo seguinte.

2.4 O elo humano-animal no contexto da acumulação

Como descrito no capítulo anterior, um dos fatores mais vinculados nos indivíduos que acumulam animais é a relação disfuncional com os mesmos, caracterizada por uma ligação e apego exagerados, falta de empatia ou disfunções relacionadas com a mesma e elevados níveis de antropomorfismo³ (Nathanson, 2009; Steketee et al., 2011).

Apesar da motivação de alguns tipos de cuidadores poder ser genuína e exista claramente uma vontade de cuidar e resgatar animais, o comportamento evolui para formas de abuso. Nomeadamente, à medida que o número de animais aumenta, ultrapassa-se a capacidade de fornecer cuidados básicos de bem-estar animal, dando origem ao sofrimento prolongado dos mesmos (Patronek et al., 2006).

A ligação dos acumuladores com os seus animais é, frequentemente, impulsiva e generalizada, ou seja, existe um raciocínio de que qualquer animal encontrado na rua pode ser automaticamente visto como pertencente ao indivíduo acumulador, pois quase que existe um dever moral de acolher estes animais (Reinisch, 2008). No caso, por exemplo dos cuidadores missionários ou de resgate, a principal motivação centra-se no medo da morte dos animais e estes indivíduos usam como justificação frequente que as condições degradantes das suas vidas

³ O antropomorfismo pode ser definido como a tendência de atribuir características, intenções ou emoções tipicamente humanas a animais, objetos ou entidades não humanas, interpretando o seu comportamento a partir de uma perspetiva humana (Epley, Waytz, Cacioppo, 2007).

se devem a um sacrifício necessário para resgatar e salvar vidas (Steketee et al., 2011; Arluke et al., 2022).

É comum nos acumuladores existir uma clara oposição à eutanásia dos animais (Frost & Steketee, 2010) e este sentimento de ansiedade relativo à morte dos mesmos é intensamente agravada pelo medo que estes indivíduos sentem da separação, sendo um comportamento regular armazenarem os cadáveres dos animais nas suas residências (Berry et al., 2005).

Acresce a resistência das pessoas acumuladoras à canalização dos animais para adoção, o que se explica pela existência de emoções como a separação, a tristeza e a raiva conectadas e estas tentativas de intervenção.

Existem vários acumuladores para os quais os animais de companhia representam apenas uma função de utilidade na manutenção da sua identidade e respetiva autoestima. Isto intensifica o papel de cuidador do acumulador em relação ao animal pela perceção de relações positivas com estes seres vivos (Patronek et al., 2006).

A relação entre os seres humanos e os animais tem origens que remontam à pré-história, como evidenciam diversos achados arqueológicos. Ao longo dos séculos, esta ligação foi-se consolidando e transformando, até se tornar, nos dias de hoje, uma presença marcante em diferentes áreas da vida quotidiana, desde o espaço doméstico até aos contextos de trabalho e lazer. Apesar da relevância dos animais na experiência humana, ainda persiste uma compreensão limitada acerca da natureza desta relação, sobretudo no que diz respeito à maneira como pode ser utilizada e mobilizada para gerar benefícios tanto para os humanos como para os próprios animais (Corson et al., 1975, Levinson, 1975, Friedmann et al., 1980 cit. por Worth & Beck, 1981).

Durante milénios, a proximidade emocional entre humanos e animais foi retratada em vários aspetos, como por exemplo, em descobertas arqueológicas, expressões artísticas e registos literários (Serpell, 1986). Contudo, apenas em 1981 ocorreu um marco decisivo na sistematização do seu estudo, com a criação da *Delta Society*, que teve como objetivo principal a investigação interdisciplinar na compreensão do elo humano-animal.

A literatura identifica um conjunto de atributos domesticados, que favorecem a criação de vínculos afetivos profundos com os humanos. Segundo relatos de tutores, estes animais são valorizados porque transmitem um afeto incondicional, que resulta da sua natureza não julgadora, oferecem um sentido de estabilidade e de previsibilidade no dia-a-dia, promovem

sentimentos de confiança e segurança a nível emocional, contribuem para o bem-estar físico e psicológico, atuando como fonte de companhia e suporte, possuem valor estético associado a características táteis, estabelecem formas de comunicação básicas, frequentemente não-verbais, mas constituídas de valor emocional e por fim possibilitam interações livres de competição e de julgamento (Nathanson, 2009).

Estas qualidades explicam o fortalecimento do apego que muitos indivíduos desenvolvem em relação aos seus animais e constituem o alicerce do conceito do “elo humano-animal”. Esta ligação, que pode assumir relevância profunda, revela implicações significativas para o bem-estar e a saúde emocional dos indivíduos, sobretudo em situações de maior vulnerabilidade ou isolamento social (Nathanson, 2009).

2.5 Detecção Precoce do Fenómeno de acumulação de Animais

Um dos passos essenciais para prevenir o aumento da gravidade da acumulação animal é a deteção precoce (Berry et al., 2005). Os médicos veterinários e profissionais da área do bem-estar animal, por estarem em contacto regular com os tutores dos animais, podem de alguma forma, ter um papel de destaque, quando se trata de identificar possíveis acumuladores. Dentro dos fatores de alerta, é importante estar atento aos que vão ser posteriormente descritos.

2.5.1 Sinais de alerta comportamentais e ambientais

As pessoas acumuladoras apresentam frequentemente uma pobre higiene pessoal, desnutrição e roupas inadequadas. Podem ainda estar muitas vezes expostos a doenças zoonóticas, devido à convivência regular com animais que estão doentes e à inalação prolongada de amoníaco que provém da urina destes animais (HARC, 2002; Reinisch, 2008).

Outro dos sinais de alerta é a acumulação contínua. Apesar de muitas vezes existir uma remoção dos animais, os acumuladores tendem a adquirir mais animais num curto período de tempo, tornando a reincidência um problema regular nestes casos (Reinisch, 2008; Frost & Steketee, 2010). Alguns dos acumuladores mudam frequentemente de residência e de cidade e recomeçam novamente o ciclo de acumulação noutra área (Berry et al., 2005).

Para além dos eventos traumáticos durante a infância, eventos ao longo da vida como a perda de alguém importante, desemprego ou problemas de saúde, podem ser fatores desencadeantes da acumulação de animais, por isso é importante estar atento a este fator (Patronek & Nathanson, 2009).

Apesar de ser descrito no capítulo “o perfil do acumulador” que muitos acumuladores são idosos, mulheres e indivíduos socialmente isolados, existem vários casos de pessoas de faixas etárias mais jovens, empregadas e com capacidades sociais altas que também apresentam este tipo de comportamento (Steketee et al., 2011).

Quando são realizadas visitas domiciliárias pelos profissionais do bem-estar animal, o estado em que a residência se encontra pode ser um fator de alerta indicativo de que existe acumulação animal. Diversos acumuladores residem em lares sobrecarregados por objetos, lixo e animais em condições extremamente precárias (Frost & Steketee, 2010). É de destacar que, alguns acumuladores mantêm os animais num local à parte da habitação principal (Berry et al., 2005).

Muitos dos indivíduos que acumulam animais criam redes de apoio que utilizam para a defesa e minimização do problema, o que muitas vezes dificulta bastante a eficácia das tentativas de intervenção (HARC, 2002).

Para além deste fator, os acumuladores recusam-se regularmente a permitir que alguém adote ou eutanásie os animais e muitas vezes afirmam que ninguém sem ser, claro, os próprios consegue tomar conta dos animais corretamente (Patronek et al., 2006).

A contradição entre o argumento do amor incondicional pelos animais e o estado severo e deplorável em que estes são encontrados continua a ser um dos fatores mais complexos no fenómeno da acumulação animal. Aparenta existir uma clara dissonância cognitiva que estará conectada a mecanismos dissociativos, que são utilizados como uma maneira de proteção quando existe uma confrontação com o sofrimento ou o trauma (Steketee et al., 2011).

A dissociação é um mecanismo que potencia o evitamento da realidade e, desta forma, o indivíduo consegue manter a sua autoimagem enquanto cuidador, apesar de existirem provas objetivas que demonstram claramente o oposto (Nathanson, 2009).

Um dos fatores mais importantes a que os profissionais devem estar atentos quando lidam com situações de acumulação são os sinais de desnutrição, desidratação e presença de doenças agravadas pela superlotação dos animais (Patronek & HARC, 2001; Castrodale et al.,

2010). Os animais apresentam sucessivamente problemas de origem respiratória, sarna, infestações devido à presença de parasitas, feridas não saradas e queimaduras químicas devido ao excesso de urina e fezes acumuladas. Ademais, são muitas vezes mantidos em espaços pequenos ou empilhados em gaiolas, o que agrava severamente as lesões pré-existentes (Arluke et al., 2002).

No que diz respeito ao funcionamento comportamental destes animais, eles tendem a ter capacidades reduzidas no que concerne à socialização e são agressivos ou assilvestrados (Berry et al., 2005; Patronek et al., 2006). Em alguns cenários, os acumuladores aproveitam como justificação a exibição de algum animal que tenham em boas condições de saúde, de forma a esconder e a mascarar a gravidade do problema e a dificultar a identificação feita pelos profissionais (Berry et al., 2005; Patronek et al., 2006).

2.5.2 Papel das comunidades, vizinhança e profissionais na primeira linha

Os vizinhos dos acumuladores são um elemento imperativo para a deteção de comportamentos de acumulação. São estes que podem muitas vezes relatar odores fortes, lixo e outros objetos acumulados e a presença de possíveis roedores ou outros animais e para além disto, se a pessoa está ou não, repetidamente, a aceitar animais abandonados na sua residência (Berry et al., 2005).

Assim, a deteção precoce desempenha um papel fundamental na prevenção do agravamento das situações de acumulação de animais. A identificação atempada de sinais de alerta, permite, não apenas, reduzir o sofrimento animal, mas também mitigar riscos para a saúde pública e para a segurança do próprio acumulador. Quando a acumulação não é identificada e acompanhada numa fase inicial, as condições tendem a deteriorar-se de forma progressiva, tornando as intervenções posteriores mais complexas e menos eficazes (Stumpf et al., 2023).

Neste sentido, reconhecer a importância da deteção precoce constitui um primeiro passo essencial para se avançar para a análise das estratégias de intervenção atualmente disponíveis, que procuram responder de forma integrada a este fenómeno (Stumpf et al., 2023).

2.6 Intervenções e Respostas

As intervenções no contexto da acumulação de animais assumem um carácter particularmente desafiante, uma vez que exigem a articulação entre diferentes áreas, como a saúde mental, o bem-estar animal, os serviços sociais, as entidades legais e comunitárias, de modo a dar uma resposta mais eficaz a um problema multifacetado (Arluke et al., 2002).

Nas abordagens existentes atualmente, a maior dificuldade ao lidar com os casos de acumulação está correlacionada com o facto desta condição ser um sintoma de algum tipo de condição mais ampla e mal adaptativa, que muitas vezes, oculta perturbações psicológicas com um nível de complexidade elevado e, tendo em conta, os recursos limitados dos profissionais de bem-estar animal, isto prejudica gravemente a eficácia da intervenção (Patronek, 1999).

Para além disto, a entrega voluntária por parte dos acumuladores é extremamente difícil devido a estes indivíduos não considerarem que estão a submeter os animais a nenhum sofrimento, nem a cometer nenhum tipo de crime, apesar da gravidade da situação em que estes se encontram (Lockwood, 2018).

De acordo com a literatura, as intervenções em casos de acumulação animal necessitam de uma abordagem multidisciplinar em que sejam envolvidos diversos profissionais, nomeadamente profissionais na área da saúde mental, do bem-estar animal, assistentes sociais e autoridades legais e devidamente competentes (Arluke et al., 2002). Como revisto no capítulo acerca do elo animal-humano, foi possível verificar que a maioria dos acumuladores considera os animais uma parte da sua identidade, levando a que quando se tenta executar a retirada dos mesmos da residência exista um sentimento de desesperança agravado nos acumuladores (Lockwood, 2018).

Por esta razão, a abordagem de intervenção deverá introduzir estratégias que incluam tanto a promoção do bem-estar animal como a avaliação e acompanhamento psicológico do indivíduo acumulador (Arluke et al., 2002).

Os profissionais do bem-estar animal, em especial os veterinários, acabam por ter um papel de destaque no que toca à identificação dos acumuladores, acabando por reconhecer as reações atípicas ao falecimento dos animais, resistência à ideia de eutanasiar ou esterilizar os animais e crenças que já foram desenvolvidas no capítulo anterior, que incluem o pensamento de que o animal tem uma conexão única e peculiar apenas com o indivíduo acumulador (Reinisch, 2008; Frost & Steketee, 2010).

Contudo, as intervenções realizadas em casos de acumulação animal são frequentemente dificultadas pela negação do problema e das circunstâncias envolvidas, assim como a resistência a qualquer tipo de tratamento (Patronek et al., 2006). É de extrema importância que os profissionais reconheçam os padrões psicológicos latentes e estabeleçam com os acumuladores uma relação em que exista confiança e que, assim, permita uma intervenção mais consistente e eficaz (Strong et al., 2018).

Devido à falta de conhecimento por parte dos profissionais que lidam com estes casos e à falta de formação e devido treino (Dozier et al., 2019), as intervenções efetivamente aplicadas focam-se, não no auxílio à pessoa acumuladora, mas na punição destes comportamentos. Outro fator importante a ter em consideração é que estabelecer uma relação de confiança com o acumulador por ser algo bastante desafiante, pois estes indivíduos apresentam diversas vezes atitudes defensivas ou até possivelmente hostis perante os profissionais encarregues da intervenção (Patronek et al., 2006).

Em suma, é necessário a criação de uma intervenção em que sejam atendidas as necessidades psicológicas do acumulador assim como as necessidades médicas e sociais, olhando também para o bem-estar dos animais e prevenindo futuros comportamentos de acumulação.

2.7 Desafios da prevenção e risco de recaída

A prevenção dos casos de acumulação animal tem por base, essencialmente, a identificação precoce de comportamentos de risco, com particular foco em situações de isolamento social, e histórico de eventos adversos de vida e presença de traumas. Algumas das abordagens necessárias passam pela sensibilização comunitária, educação sobre o bem-estar animal e acompanhamento de casos previamente sinalizados (Berry et al., 2005).

Segundo a literatura, nos casos de acumulação animal, a taxa de reincidência é bastante elevada, logo é essencial que sejam desenvolvidas estratégias a longo prazo, que abranjam acompanhamento e suporte psicoterapêutico de forma continuada, monitorização legal e apoio social. A reincidência de casos tem tendência para acontecer quando os indivíduos regressam às vidas em contexto de stress emocional ou de perda, fortalecendo então a relevância das intervenções com base na reconstrução de redes de apoio (Patronek et al., 2006).

O papel tanto dos profissionais pertencentes a associações como de profissionais do bem-estar animal em casos de acumulação animal tem por base a mediação na apreensão de animais e a prestação de cuidados consistentes e imediatos (Nathanson, 2009). No entanto, quando não existe um projeto de acompanhamento a longo prazo nem um apoio direto ao indivíduo acumulador, surge um risco de reincidência que pode chegar aos 100% (Berry et al., 2005).

A falta de reconhecimento profissional acerca do tema da acumulação animal como algo integrado nos problemas de saúde mental e social põe claramente em causa a criação de medidas multidisciplinares e impossibilita a realização de protocolos adequados para prevenir e resolver estes casos. Devido a este motivo, existe um atraso extremo no reconhecimento precoce de comportamentos de acumulação animal e isto causa uma limitação no que se trata da eficácia das intervenções já existentes (Patronek, 1999; Berry et al., 2005).

De todas as explicações conhecidas, uma das mais plausíveis é que esta adversidade advém do facto de a acumulação animal ser um tema em que a literatura é bastante escassa e predominantemente constituída por pesquisas realizadas nos Estados Unidos da América. São necessários mais estudos no que diz respeito ao seguimento consistente e sistemático ao longo de um grande período de tempo. Só a partir destas pesquisas é que se poderão criar modelos de intervenção mais adequados às necessidades tanto do animal como do acumulador e em que exista mais eficácia (Berry et al., 2005; Reinich, 2009).

Atualmente, a informação existente acerca deste fenómeno deve-se ao trabalho do HARC, que é composto por diversos investigadores americanos que têm contribuído, ativamente, para o estudo da acumulação animal.

A simples remoção dos animais do espaço habitacional não se revela, portanto, uma medida suficiente, dado que muitos acumuladores tendem a reincidir, chegando as taxas de repetição a atingir cerca de 50% dos casos (Berry et al., 2005; Patronek et al., 2006). Este cenário evidencia que, soluções centradas, apenas, na retirada imediata dos animais não abordam as causas subjacentes do problema e, conseqüentemente, não previnem a sua recorrência.

Outro dos desafios na prevenção destes casos é a ausência de reconhecimento profissional sobre a temática da acumulação. Sem o devido conhecimento e formação, não é possível criar e aplicar protocolos, nem aplicar corretamente a abordagem multidisciplinar, indispensável na prevenção destas situações. Por conseguinte, não é possível realizar uma deteção atempada de comportamentos de acumulação animal (Patronek, 1999; Berry et al., 2005).

Embora se tenha criado uma maior conscientização acerca do fenómeno da acumulação animal nos últimos tempos, o conhecimento adquirido acerca do mesmo ainda se revela insuficiente. Torna-se, assim, imperativo desenvolver estratégias de intervenções de natureza interdisciplinar e pluridisciplinar, que integrem a vertente clínica, social, legal e de bem-estar animal, de forma a elaborar e aplicar protocolos e estratégias de intervenção mais sustentáveis (Nathanson, 2009; Patronek & Nathanson, 2009).

Em conclusão, a revisão de literatura evidencia que a acumulação de animais é um fenómeno multifatorial, com implicações clínicas, sociais, legais e de bem-estar animal.

Ao longo desta viagem, foram exploradas as suas definições, classificações, perfis dos acumuladores existentes, fatores de risco, dinâmicas relacionais e as principais respostas já desenvolvidas, destacando-se ainda a relevância da deteção precoce e os desafios da prevenção e da reincidência. Apesar do aumento de investigações nesta área, persistem lacunas significativas, nomeadamente no que concerne à compreensão integrada do fenómeno e à eficácia a longo prazo das intervenções existentes. Neste sentido, justifica-se o carácter exploratório do presente estudo, que procura ampliar a compreensão das múltiplas dimensões envolvidas.

Para além disso, a análise crítica da literatura destaca a aparente necessidade de uma intervenção contextualizada no âmbito da psicologia clínica, que seja capaz de articular os direitos humanos e os direitos dos animais (Lockwood, 2018).

Este enquadramento é indispensável para dar resposta de forma mais abrangente às peculiaridades deste fenómeno, justificando que a presente investigação se apresente como uma reflexão sobre a interface entre o direito humano e o direito animal.

Em suma, esta perspetiva abre caminho para o objetivo central desta dissertação: compreender qual é atualmente a visão e a opinião dos diversos profissionais, psicólogos, assistentes sociais, veterinários, forças de segurança e equipas de intervenção e resgate, relativamente às formas de intervenção em situações de acumulação animal em Portugal. Esta abordagem permitirá não só contribuir para o avanço da investigação nesta área, mas também oferecer contributos relevantes para a prática profissional e para a construção de respostas mais eficazes e colaborativas.

Método

Este estudo teve como objetivo explorar e interpretar as perceções e experiências de profissionais de diversas áreas sobre a acumulação animal em Portugal, bem como comparar a eficácia das intervenções centradas no bem-estar animal e do indivíduo.

Questões de Investigação

De forma a melhor circunscrever e orientar o estudo, seguiram-se as seguintes questões de investigação:

- Em situações de acumulação animal, quais as potenciais estratégias de intervenção que os profissionais consideram mais eficazes?
- Quais são as barreiras e desafios encontrados pelos profissionais ao intervir em casos de acumulação animal?
- Qual o potencial da intervenção pluridisciplinar articulada entre profissionais de saúde animal e profissionais de suporte social?
- Quais os desafios da intervenção articulada entre profissionais com responsabilidade da promoção da saúde animal e os profissionais de suporte social e da saúde mental?

Objetivo Geral

Entender qual é atualmente a perspetiva e a opinião dos diversos profissionais (psicólogos, assistentes sociais, veterinários, forças de segurança e equipas de intervenção e resgate) em relação à intervenção em situações de acumulação animal em Portugal.

Objetivos Específicos

1. Analisar as práticas de intervenção utilizadas por profissionais em casos de acumulação animal em Portugal, identificando os métodos mais comuns e as perceções sobre a eficácia dos mesmos;
2. Explorar os sentimentos e emoções vivenciados pelos profissionais durante o processo de intervenção em casos de acumulação animal, e qual o impacto destes sentimentos sobre a abordagem no trabalho;
3. Comparar a eficácia das intervenções focadas no bem-estar animal (veterinários) e no indivíduo (psicólogos, assistentes sociais) em casos de acumulação animal, com base nos testemunhos de profissionais que participaram em intervenções que envolvem ambos os aspetos (humano e animal), e analisar como é que a combinação destas abordagens teve impacto no sucesso da intervenção;
4. Entender quais os sentimentos de autoeficácia do serviço prestado e qualidade dos mesmos que são despertados nos profissionais, quando confrontados com estas circunstâncias;
5. Investigar os desafios e as barreiras enfrentadas pelos profissionais durante a intervenção e a gestão de casos de acumulação animal, considerando as limitações dos recursos, apoio institucional e formação especializada;
6. Identificar as opiniões dos profissionais sobre as políticas e práticas atuais em relação à acumulação animal, incluindo sugestões para melhorias nas estratégias de prevenção e intervenção;
7. Sugerir recomendações baseadas nas opiniões e experiências dos profissionais para aprimorar a prevenção e a intervenção em casos de acumulação de animais, com o objetivo de desenvolver práticas mais eficazes e sustentáveis.

Esta pesquisa consistiu numa recolha de dados qualitativa, através de uma abordagem exploratória descritiva e integrando também elementos da etnografia discursiva e da etnografia digital. Este método permitiu que existisse um maior aprofundamento sobre o fenómeno tão complexo que é a acumulação animal, de forma a contribuir através das perceções e das práticas dos profissionais com novos insights acerca deste tema, no qual a literatura é bastante escassa.

Embora esta investigação não adote uma etnografia tradicional, a análise do discurso dos participantes permitiu captar não só elementos dos hábitos dos profissionais do bem-estar animal, como os significados atribuídos às suas experiências. Desta forma a etnografia discursiva é integrada neste estudo de maneira a examinar como é que estes profissionais constroem narrativas acerca da sua prática. Devido à primeira parte de a recolha de dados ter decorrido num ambiente virtual (conferência online), este estudo enquadra-se também no campo da etnografia digital, uma vez que analisa as interações e argumentos profissionais num contexto mediado pela tecnologia (Herrera, 1988 cit. por Lima et al.,1996).

A escolha do método indutivo, permite que a partir das observações e relatos dos profissionais, seja possível identificar padrões e temas recorrentes, assim como sugestões que auxiliam a construção e formulação de novas perceções acerca desta problemática.

Grupo de Estudo

A amostra desta investigação foi composta por 63 participantes, dos quais 27 responderam ao questionário e 3 participaram na discussão de *focus group*, representando assim aproximadamente um total de 47,62%, de ambos os sexos, que atuam e intervêm nas áreas de psicologia, veterinários municipais, forças de segurança e equipas de intervenção e resgate animal.

A amostra inclui profissionais com diferentes faixas etárias, de modo a abranger uma diversidade de experiências e pontos de vista sobre a acumulação animal e as intervenções realizadas.

Os participantes foram recrutados de forma propositiva ou intencional, visto que, foram selecionados a partir da experiência profissional prática em casos de acumulação animal e da sua disponibilidade para participar, permitindo a exploração e análise das suas perceções no que diz respeito às intervenções e desafios encarados nestas situações.

Esta estratégia de amostragem permitiu garantir que os dados recolhidos fossem ricos, pertinentes e alinhados com a problemática estudada, valorizando a profundidade da informação em detrimento da representatividade estatística, o que é coerente com a natureza exploratória e interpretativa do estudo qualitativo.

Procedimento

Inicialmente, foi construído através do *Google Forms* um pequeno questionário demográfico (anexo A) para caracterizar a amostra do estudo. O questionário incluiu questões como género, área de residência e o número de anos de experiência na área profissional.

Este questionário foi anexado a outras quatro questões desenvolvidas pela autora (anexo A) para entender a eficácia percebida pelos profissionais em situações de acumulação animal e a opinião dos mesmos em relação à possibilidade da criação de uma intervenção pluridisciplinar. Neste sentido, esta última parte do questionário incluiu perguntas com tópicos acerca das potenciais estratégias de intervenção mais eficazes, assim como a identificação de barreiras e desafios encontrados pelos profissionais nestes casos. Foram também incluídas questões acerca do potencial da intervenção pluridisciplinar e quais os desafios da mesma.

A recolha dos dados teve início nos dias 24 e 31 de janeiro de 2025, através de um convite feito pela Professora Dra. Maria João Vargas Moniz, para comparecer em duas aulas com uma duração de 3 horas cada uma, realizadas online, via plataforma *Zoom* e onde estiveram presentes alguns dos membros do ICBAS- Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto e do ICNF- Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, no qual estavam incluídos diversos veterinários municipais.

Tanto na primeira como na segunda sessão, foi instruído aos participantes que preenchessem o consentimento informado e respetivo questionário, através de um link disponibilizado no chat da plataforma *Zoom*.

Para além do preenchimento do questionário, foi também tido em conta o material partilhado pelos colegas, tanto oral como escrito no chat da plataforma, uma vez que o principal foco da aula seria o fenómeno da acumulação animal. Ambas as formas de partilha ajudaram a enriquecer o aprofundamento da compreensão da perspetiva destes profissionais acerca desta problemática.

Para além disto, foi ainda desenvolvido um guião com questões semi-estruturadas (anexo B), que foi posteriormente implementado na recolha de dados em *focus group*, como complemento à recolha de dados anteriormente descrita. Foi realizado um convite através do contacto direto com organizações e instituições que atuam em casos de acumulação animal, assim, foram incluídos profissionais de outras áreas de intervenção, com o principal objetivo

de discutir coletivamente as respostas alcançadas nas aulas sobre as práticas, sentimentos e desafios da intervenção na acumulação animal.

Foi requisitado a todos os participantes o preenchimento de um formulário de consentimento (anexo C), onde estava também incluída a explicação do propósito, procedimento, possíveis riscos e desconfortos do estudo, além do asseguramento da confidencialidade das informações compartilhadas.

Foi também criado uma apresentação *power point* (anexo D) com os principais tópicos abordados no guião semi-estruturado, de forma a que os participantes do *focus group* pudessem ter uma representação visual dos temas a serem discutidos. Ademais, foi também contruído um *flyer* (anexo E), novamente com um pequeno questionário demográfico, incluindo questões como o nome, a idade, o género, a área de intervenção e o número de anos de experiência na área profissional.

De forma a manter a anonimidade dos participantes, foi-lhes atribuído um código com base nas iniciais do primeiro e segundo nome, mês e ano de nascimento e os últimos dois dígitos do número telemóvel dos mesmos.

Em adição ao questionário demográfico, o *flyer* incluiu oito práticas consideradas como sendo de sucesso pelos participantes nas aulas do ICNF, com uma escala de likert de 5 pontos, sendo 0- discordo totalmente e 5- concordo totalmente.

A discussão no *focus group* permitiu não só a troca de experiências e ideias entre profissionais de diferentes áreas como a identificação de padrões e divergências existentes acerca destas práticas.

Análise de dados

Tanto as entrevistas como as informações partilhadas nas aulas via *zoom* e nas discussões através do *focus group* foram posteriormente transcritas manualmente e analisadas tematicamente por meio do método indutivo, onde as temáticas foram devidamente selecionadas e categorizadas a partir dos dados em bruto, sem existir um sistema de codificação e enquadramento teórico prévio. Esta abordagem permite identificar, organizar e descrever em profundidade padrões de significado (temas) presentes num conjunto de dados (Braun & Clarke, 2006).

O principal objetivo foi identificar temas recorrentes nas respostas dos profissionais, com foco nos desafios das intervenções, nos sentimentos expressos pelos profissionais e nas sugestões para melhorar as abordagens de intervenção e prevenção.

É de destacar que a triangulação entre a etnografia discursiva, etnografia digital e análise temática permitiu a existência de uma compreensão mais aprofundada acerca das perspectivas não só dos veterinários como de outros profissionais sobre o fenómeno da acumulação animal, respeitando a complexidade das experiências relatadas (Spradley, 1979).

A análise também incluiu a comparação das diferentes abordagens de intervenção (centradas no animal vs. centradas no indivíduo acumulador) para avaliar o potencial da intervenção pluridisciplinar e quais os desafios da mesma, de acordo com os testemunhos dos profissionais.

Inicialmente, os dados recolhidos (respostas do questionário e transcrições das sessões online) foram transcritos com um nível de detalhe apropriado, sendo posteriormente verificados em relação às gravações originais, de modo a garantir a sua fidelidade e rigor (Braun & Clarke, 2006).

A codificação, que constituiu a segunda fase do processo, incluiu uma análise exaustiva de todo o conjunto de dados em bruto, verificando não só o material recolhido no questionário do *google forms*, como as transcrições das sessões online e as partilhas feitas no chat da plataforma *zoom*, utilizada em ambas as sessões (Braun & Clarke, 2006).

Durante a criação de temas, todos os excertos relevantes foram organizados por categoria temática, garantindo que os temas fossem internamente coerentes, consistentes entre si e suficientemente distintos (Braun & Clarke, 2006).

A fase interpretativa da análise baseou-se numa compreensão mais aprofundada dos significados expressos nas intervenções de cada participante. Desta forma, os dados foram analisados criticamente e não apenas parafraseados (Braun & Clarke, 2006).

Das transcrições realizadas, resultaram 82 páginas, das quais em conjunto com as respostas ao questionário foram extraídos um total de 151 dados em bruto que deram origem à identificação de 17 temáticas diferentes detalhadas nos anexos F e G.

A partir desta categorização temática, com base em quatro categorias: estratégias de intervenção consideradas mais eficazes (n=35), barreiras e desafios na intervenção (n=30), potencial de intervenção multidisciplinar (n=28) e desafios da intervenção articulada (n=58)

foram elaboradas tabelas (anexo F) segundo as normas da 7ª edição da APA para apresentar de forma clara os temas principais e subtemas identificados. Adicionalmente, foi construído um diagrama em árvore (anexo G), de modo a representar visualmente a estrutura hierárquica dos temas e a facilitar a compreensão da organização e inter-relações entre os mesmos.

Para reforçar a validade das categorias identificadas a partir das transcrições das sessões e do questionário, foi realizado posteriormente um *focus group*, cujos contributos foram analisados segundo as categorias previamente definidas, permitindo triangular os dados e confirmar a consistência dos temas já existentes. De forma a manter a coerência na quantificação dos dados, os excertos do *focus group* não foram incluídos nas tabelas de distribuição dos dados em bruto, sendo apresentados apenas nos resultados para ilustrar e corroborar os achados das categorias identificadas.

Tabela 1

Distribuição de excertos em bruto e dos exemplos ilustrativos

Categoria	Nº de excertos em bruto	% em relação ao número total de excertos em bruto (n= 151)	Nº de exemplos ilustrativos
Estratégias de intervenção consideradas mais eficazes	35	23,2%	11
Barreiras e desafios na intervenção	30	19,9%	13
Potencial da intervenção multidisciplinar	28	18,5%	7
Desafios da intervenção articulada	58	38,4%	14
Total	151	100%	45

Resultados

As seguintes figuras relativas aos dados foram extraídas diretamente da plataforma *google forms*.

1. Qual é o seu género?

27 respostas

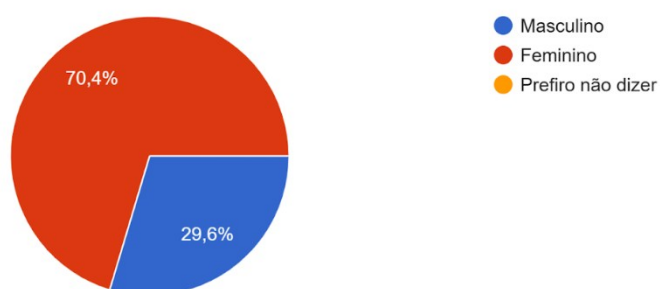


Figura 1 - Género dos participantes no questionário

2. Área de residência

27 respostas

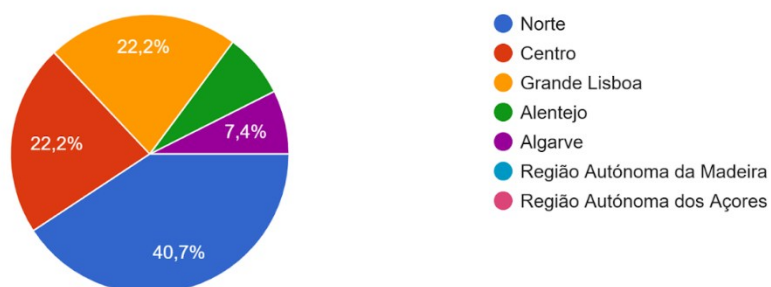


Figura 2 - Área de residência dos participantes

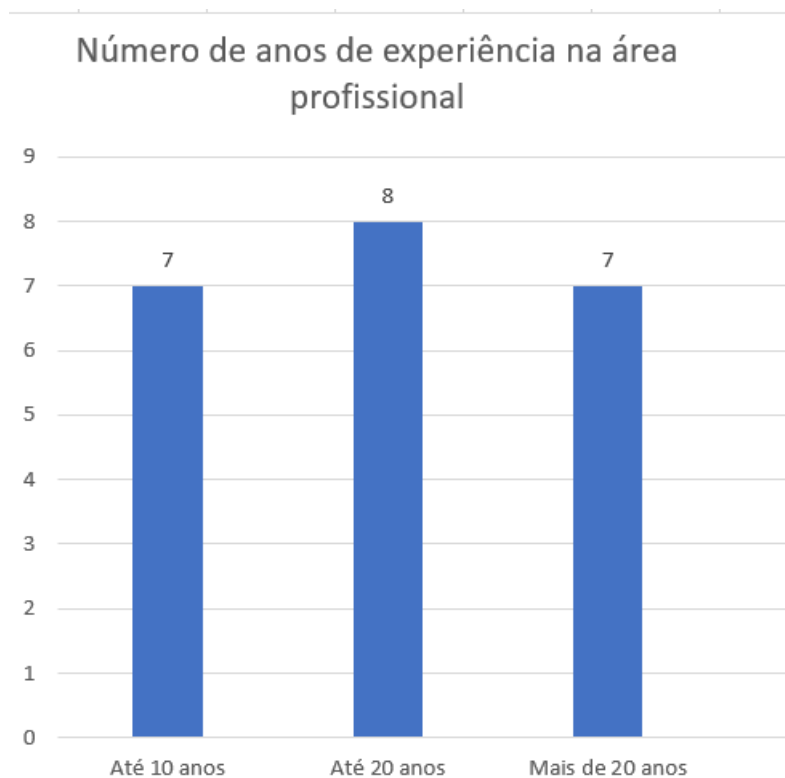


Figura 3 - Anos de experiência profissional dos participantes

Este estudo contou inicialmente com a participação de 60 profissionais da área da medicina veterinária, dos quais 27 responderam ao questionário, representando assim um total de 45% da amostra total. Posteriormente participaram também na constituição do *focus group* 3 pessoas de diferentes áreas de atuação em situações de acumulação animal.

A amostra inicial, correspondente aos 27 participantes que preencheram o questionário, foi composta por 19 participantes do género feminino (70%) e 8 participantes do género masculino (30%).

Em relação à área de residência, os participantes estavam distribuídos geograficamente da seguinte forma: 11 residem no Norte do país (40,74%), 6 na Grande Lisboa (22,22%), 6 no Centro do país (22,22%), 2 no Alentejo (7,41%) e 2 no Algarve (7,41%).

A experiência profissional dos participantes variou consideravelmente. A distribuição do número de anos de experiência é a seguinte:

- 2 anos de experiência: 1 participante (3,70%);
- 3 anos de experiência: 1 participante (3,70%);

- 4 anos de experiência: 1 participante (3,70%);
- 7 anos de experiência: 1 participante (3,70%);
- 8 anos de experiência: 2 participantes (7,41%);
- 10 anos de experiência: 2 participantes (7,41%);
- 15 anos de experiência: 2 participantes (7,41%);
- 17 anos de experiência: 2 participantes (7,41%);
- 18 anos de experiência: 2 participantes (7,41%);
- 20 anos de experiência: 3 participantes (11,11%);
- 22 anos de experiência: 1 participante (3,70%);
- 23 anos de experiência: 1 participante (3,70%);
- 25 anos de experiência: 4 participantes (14,81%);
- 27 anos de experiência: 1 participante (3,70%);
- 28 anos de experiência: 1 participante (3,70%);
- 30 anos de experiência: 1 participante (3,70%);
- 38 anos de experiência: 1 participante (3,70%).

Caracterização da Amostra

A amostra abrangeu profissionais com uma grande diversidade de anos de experiência profissional, com a maioria possuindo uma experiência entre 2 e 38 anos. A médias dos anos de experiência foi de aproximadamente 17,87 anos ($M=17,78$), sendo a mediana de 18 anos ($Mdn= 18$). Esta distribuição sugere que os participantes detêm tanto um grande conhecimento sobre esta temática como uma vasta experiência prática, o que confere uma solidez às respostas que foram adquiridas em ambas as sessões.

A distribuição geográfica foi também relevante, com participantes de diversas regiões do país. Esta disposição garante que as percepções sobre a intervenção nos casos de acumulação

animal não sejam restritas apenas a uma realidade regional, mas sim uma representação de uma visão mais nacional, em que sejam tidas em conta a realidade tanto urbana como rural.

No que concerne os participantes do *focus group* (n = 3), as idades encontravam-se compreendidas entre os 40 e os 46 anos. O grupo foi composto por dois participantes do sexo feminino e um do sexo masculino. As respetivas áreas de intervenção corresponderam a um(a) psicólogo(a), um(a) membro de equipa de intervenção e um(a) elemento de força de segurança pública (GNR). Relativamente à experiência profissional, os participantes apresentaram, respetivamente, 4, 17 e mais de 30 anos de atuação nas suas áreas de trabalho.

No que diz respeito às informações recolhidas através do questionário aplicado nas sessões do ICNF e do *focus group*, é possível destacar quatro temas fulcrais: estratégias de intervenção consideradas mais eficazes, barreiras e desafios na intervenção, potencial da intervenção multidisciplinar e desafios da intervenção articulada.

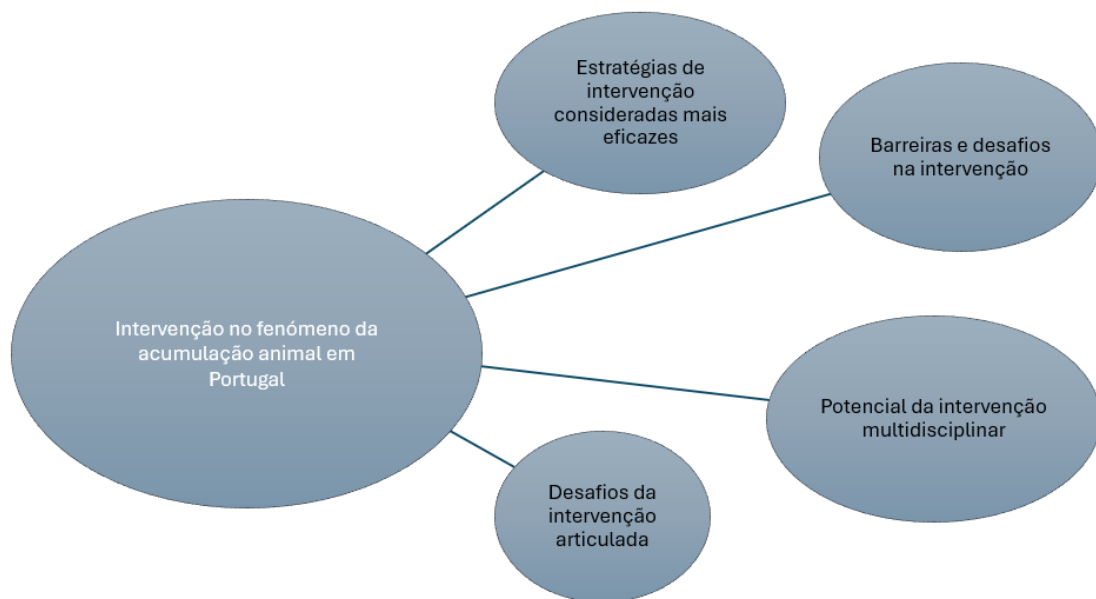


Figura 4 - Mapa temático

Estratégias de Intervenção Consideradas mais Eficazes

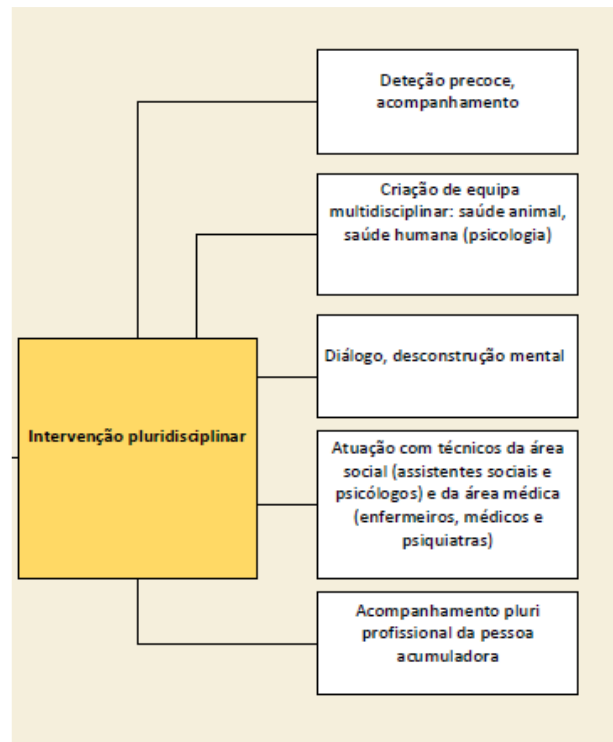


Figura 5 – Diagrama de contributos: intervenção multidisciplinar

No que concerne a avaliação das diferentes estratégias de sucesso na intervenção, foi utilizada uma escala de *Likert* de 5 pontos (1 = “discordo totalmente” a 5 = “concordo totalmente”), de forma a identificar o grau de concordância dos participantes do *focus group* relativamente à eficácia e relevância de oito estratégias distintas, previamente identificadas pelos participantes das sessões online.

No que diz respeito aos participantes do *focus group*, as médias obtidas foram as seguintes: retirada gradual e progressiva dos animais ($M = 3,33$), sistemas de alerta e campanhas de sensibilização ($M = 3,67$), abordagem *One Health* ($M = 4,00$), esterilização obrigatória ($M = 4,67$), canalização para adoção ($M = 4,00$), limitar o acesso a novos animais e licenciar os atuais ($M = 4,33$) e intervenção pluridisciplinar ($M = 5,00$). De forma geral, observou-se uma tendência de concordância elevada com a maioria das estratégias, em especial com a intervenção pluridisciplinar e a esterilização obrigatória, que obtiveram as pontuações médias mais elevadas. Em contraste, a retirada gradual e progressiva dos animais e os sistemas de alerta e campanhas de sensibilização apresentaram médias mais baixas, sugerindo uma menor concordância entre os participantes relativamente à adequação destas medidas.

As respostas indicam que a intervenção multidisciplinar como a estratégia mais eficaz, sendo referida por praticamente todos os participantes. Foram destacados a importância da atuação conjunta entre profissionais da saúde animal, saúde humana e serviço social, bem como a necessidade de articulação entre diversas áreas e entidades, nomeadamente as autoridades de segurança pública, serviços de ação social e profissionais da área da saúde.

Exemplos de respostas ilustrativas:

“Intervenção pluridisciplinar sempre. Junto a profissionais de saúde, assistentes sociais e amigos e familiares (se houver essa rede de confiança para o acumulador).”

“[...] Criar uma equipa multidisciplinar que conseguisse servir de triagem nesses casos todos (FG).

“Colaboração entre entidades, nomeadamente GNR ou PSP, ação social, autoridade de saúde humana e veterinária.”

"Porque a forma mais eficaz de lá se chegar é equipas multidisciplinares (FG).”

“Eu acredito que a melhor situação, a melhor solução neste caso, seria a criação de uma de equipa multidisciplinar a nível nacional, única, que conseguisse depois canalizar para os diversos sítios (FG).”

Além disso, foram identificadas outras estratégias como a utilização da abordagem *One Health*; o acompanhamento contínuo e assíduo da pessoa acumuladora; a retirada gradual dos animais e esterilização em massa; limitação do acesso aos animais e licenciamento dos atuais; canalização para a adoção e a sensibilização para os riscos da acumulação e a capacitação do acumulador para participar ativamente na resolução da situação.

Exemplo de resposta ilustrativa relativa à abordagem *One Health*:

“[...] Ou seja, na área da medicina humana, estarem presentes os médicos veterinários, na área da medicina veterinária, estarem também presentes médicos humanos.”

Exemplos de respostas ilustrativas relativas ao acompanhamento contínuo da pessoa acumuladora:

“Acompanhar assiduamente as pessoas com esse problema de forma a educar e(tentar)controlar a situação de forma a minimizá-la.”

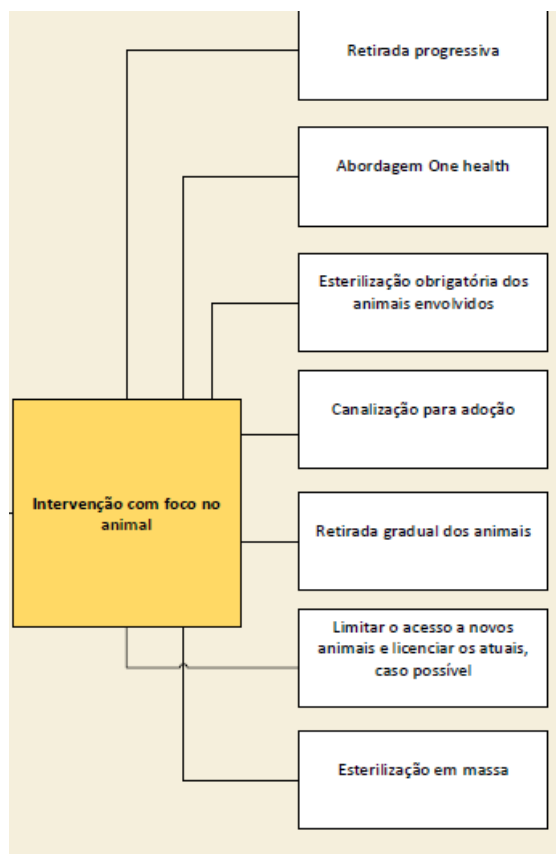


Figura 6 – Diagrama de contributos: intervenção com foco no animal

“[...] para conseguirmos no fundo que as pessoas tenham acompanhamento sem ter o fim trágico que acaba por acontecer como todos os acumuladores.”

Exemplos de resposta ilustrativa no que diz respeito à retirada gradual de animais e esterilização em massa:

“Retirada gradual dos animais; esterilização dos animais que se encontram no local.”

“Agora consegue-se uma intervenção muito mais eficaz, com efetivamente com uma retirada e com a retirada progressiva ou a retirada gradual.”

“A esterilização nesses casos tem que ser, tem que ser obrigatório (FG).”

“Enquanto não tivermos em Portugal a esterilização obrigatória, nós não vamos a lado nenhum (FG).”

É importante destacar que, relativamente à estratégia de retirada gradual e progressiva dos animais, um dos participantes no *focus group* atribuiu a pontuação 1 (discordo totalmente),

demonstrando, assim, uma posição de total desacordo em relação a esta medida. O participante afirmou:

"Sobre a retirada gradual ou progressiva dos animais... discordo totalmente. No sentido em que nas intervenções onde tenho participado, a retirada gradual ou progressiva não tem tido sequer sucesso, portanto, ela por si só, não resolve o problema com os casos de reincidência (FG)."

Exemplos de respostas ilustrativas no que concerne a limitação do acesso aos animais e licenciamento dos atuais:

"Portanto, se pudermos poupar na parte do licenciamento e canalizar isso para o tratamento do animal ou para melhorar as condições de vida da pessoa, eu aí acho que prefiro (FG)."

"Limitar acesso a novos animais, tem que ser feito nestes casos específicos de acumulação."

"Por isso, o licenciamento tem que ser obrigatório."

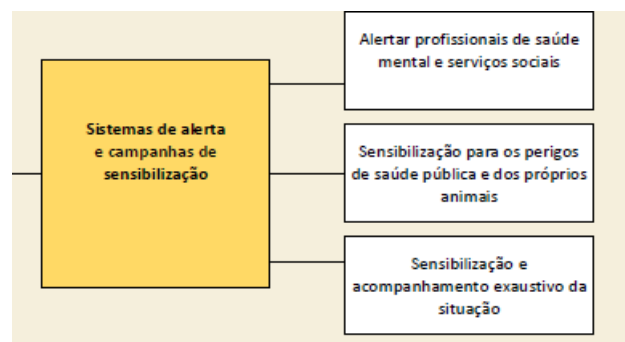


Figura 7 – Diagrama de contributos: sistemas de alerta e campanhas de sensibilização

Exemplos de respostas ilustrativas no que diz respeito às campanhas de sensibilização e a canalização dos animais para adoção:

“Sensibilização para os perigos de saúde pública e dos próprios animais.”

“Fazer uma parceria com essa pessoa para juntos resolvermos a situação”

“Por isso daí ser importante a parte da sensibilização desses organismos (FG).”

“Canalização para adoção, claro que é importante (FG).”

Barreiras e Desafios na Intervenção

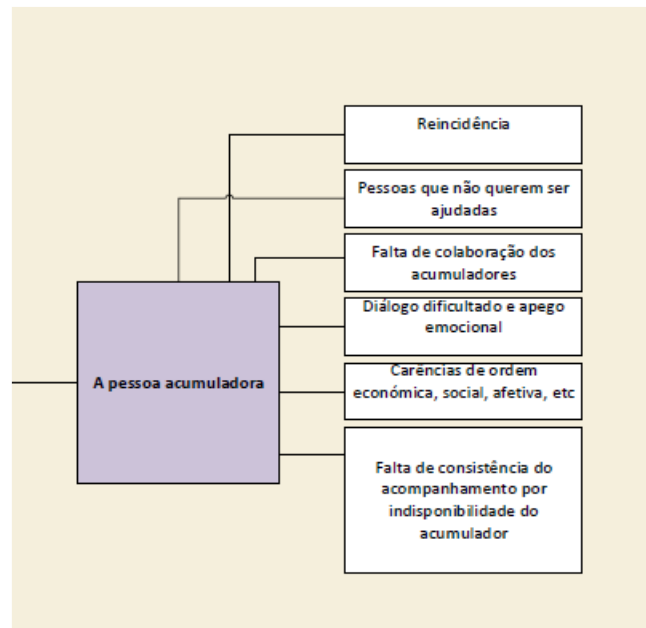


Figura 8 – Diagrama de contributos: a pessoa acumuladora

Entre os principais desafios identificados destacam-se as dificuldades de comunicação com os acumuladores, frequentemente associadas a resistência à intervenção e ao diálogo dificultado e apego excessivo aos animais.

Exemplo de resposta ilustrativa:

“Barreiras muitas vezes de comunicação com as pessoas acumuladoras. A maioria das pessoas que tenho encontrado vivem sozinhas. Ou então em núcleos de dois. Com poucos ou nenhuns laços familiares. Os laços que tem são com os animais.”

“Dificuldade em comunicar com o acumulador, falta de consistência do acompanhamento por indisponibilidade do acumulador.”

“Diálogo dificultado e apego emocional.”

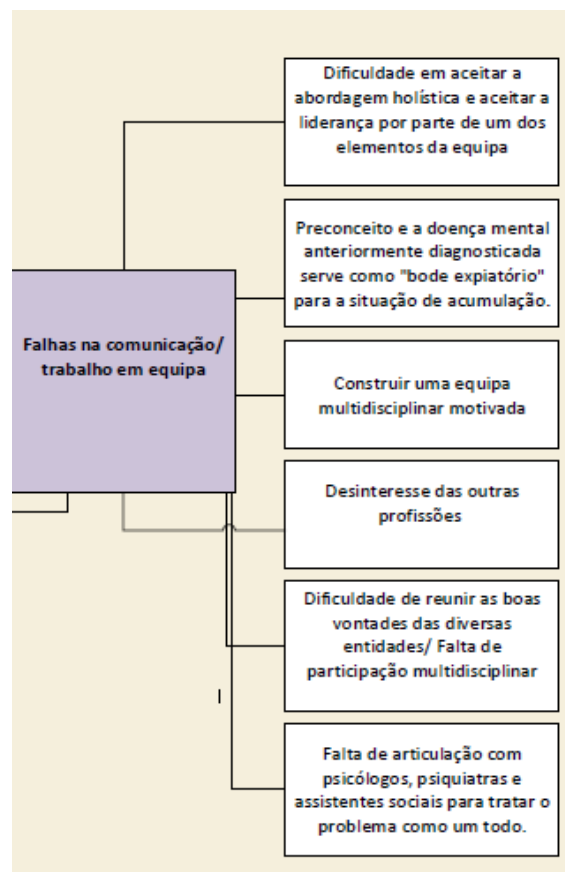


Figura 9 – Diagrama de contributos: falhas na comunicação e trabalho em equipa

É também de salientar a falta de articulação interprofissional e dificuldade em reunir equipas multidisciplinares eficazes em que todas as partes intervenientes estejam devidamente formadas e motivadas. Existem também limitações legais e institucionais, como por exemplo a ausência de suporte legal e a falta de capacidade nos Centros de Recolha Oficial (CROs) que leva a que exista uma acumulação por parte dos próprios profissionais.

Exemplos de respostas ilustrativas relativas às dificuldades de articulação nas equipas multidisciplinares:

“Dificuldade em aceitar a abordagem holística e aceitar a liderança por parte de um dos elementos da equipa”;

“Construir uma equipa multidisciplinar motivada”;

“[...] tem que ser uma equipa, com a empatia e que não encare isto como trabalho (FG)”

“Falta de conhecimento dos profissionais em tratar estas situações”;

“[...] mas na verdade, nós veterinários somos os únicos intervenientes nestas ações que não temos formação nenhuma para lidar com pessoas, com problemas de pessoas.”

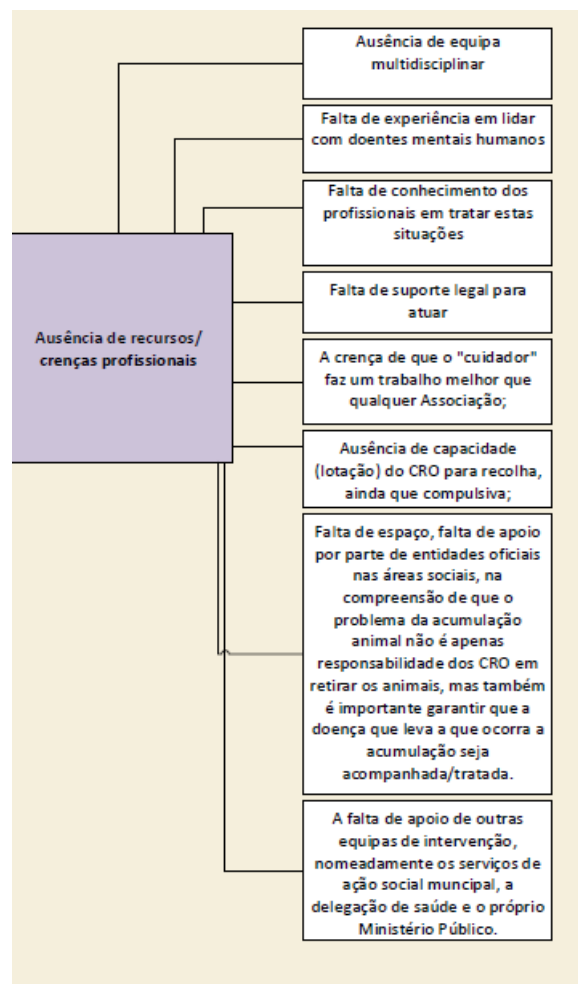


Figura 10 – Diagrama de contributos: ausência de recursos e crenças profissionais

Exemplos de respostas ilustrativas acerca falta de suporte legal e institucional:

“A falta de apoio de outras equipas de intervenção, nomeadamente os serviços de ação social municipal, a delegação de saúde e o próprio Ministério Público.”

“É que, derivado à falta de recursos, [...] nosso dia a dia é uma constante gestão sobre as coisas que vão aparecendo (FG).”

“[...] certamente mais recursos humanos, porque acho também é uma grande dificuldade que nós temos (FG).”

“as equipas têm poucos recursos”

Exemplos de respostas ilustrativas sobre a falta de capacidade nos CROS e a acumulação por parte dos próprios profissionais:

“Ausência de capacidade (lotação) do CRO para recolha, ainda que compulsiva”

“As associações muitas vezes são os acumuladores disfarçados (FG)”

Por fim, os participantes destacaram também a existência de preconceitos que desvalorizam a gravidade do problema e a relação com a saúde mental, assim como os preconceitos de como a sociedade vê estes profissionais e gestão emocional que os mesmos fazem relativamente a estes assuntos.

Exemplos de respostas ilustrativas que demonstram a desvalorização do problema da acumulação e o preconceito e a gestão emocional dos profissionais:

“O desinteresse das outras profissões pois são "só animais”.”

“[...] noto que há uma falta de confiança por parte das associações nos médicos veterinários.”

Exemplos de respostas ilustrativas, onde os participantes salientam a complexidade da situação:

“Falta de espaço, falta de apoio por parte de entidades oficiais nas áreas sociais, na compreensão de que o problema da acumulação animal não é apenas responsabilidade dos CRO em retirar os animais, mas também é importante garantir que a doença que leva a que ocorra a acumulação seja acompanhada/tratada.”

Potencial da Intervenção Pluridisciplinar

Houve consenso entre os participantes quanto ao alto potencial da intervenção pluridisciplinar. A grande maioria considera que esta é a abordagem mais adequada, eficaz e até imprescindível para lidar com a acumulação animal, possibilitando a resolução simultânea dos problemas relacionados com a saúde humana e animal.

Exemplos de respostas ilustrativas:

“O potencial é enorme e é assim que se deve intervir.”

“Essa abordagem integrada é especialmente relevante em contextos que envolvem situações de vulnerabilidade social ou condições que afetam tanto o ser humano quanto o animal, como em casos de maus-tratos, abandono ou dificuldades financeiras e emocionais.”

“Essa abordagem colaborativa permite que os profissionais atuem de forma mais holística e eficaz, levando em conta tanto as necessidades dos animais quanto as dos seres humanos, criando soluções que favoreçam ambas as partes.”

“Abordagem de todos os problemas associados- saúde pública, avaliação psicológica do acumulador e avaliação das condições de BEA e saúde dos mesmos.”

Contudo, foram apontadas limitações práticas relacionadas com a dificuldade de articulação entre diferentes áreas profissionais e a falta de protocolos claros de atuação nestas situações.

Exemplos de respostas ilustrativas:

“Contudo, faltam mecanismos que "automatizem" os procedimentos, desencadeando uma resposta pluridisciplinar perante o aparecimento de um caso. Atualmente fica um pouco à consideração do técnico que recebe inicialmente o caso, o envolvimento de outros profissionais.”

“No meu município está a ser difícil estabelecer esta ajuda.”

“Muito potencial, raramente vi a acontecer de forma adequada.”

Desafios da Intervenção Articulada

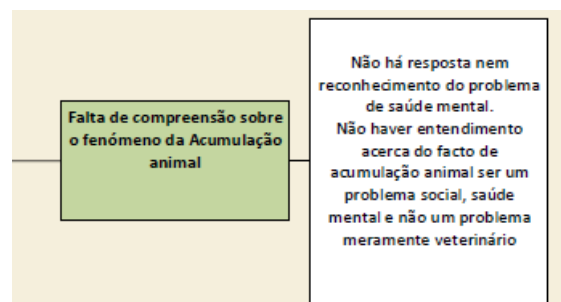


Figura 11 – Diagrama de contributos: falta de compreensão sobre o fenómeno da acumulação animal

Um dos principais desafios apontados pelos participantes para a implementação de uma intervenção articulada entre os profissionais foi a falta de entendimento comum sobre a natureza da acumulação animal como um problema de saúde mental.

Exemplos de respostas ilustrativas:

Não há resposta nem reconhecimento do problema de saúde mental. O internamento compulsivo não está a ser exequível pelo SNS.”

“Não haver entendimento acerca do facto de acumulação animal ser um problema social, saúde mental e não um problema meramente veterinário.”

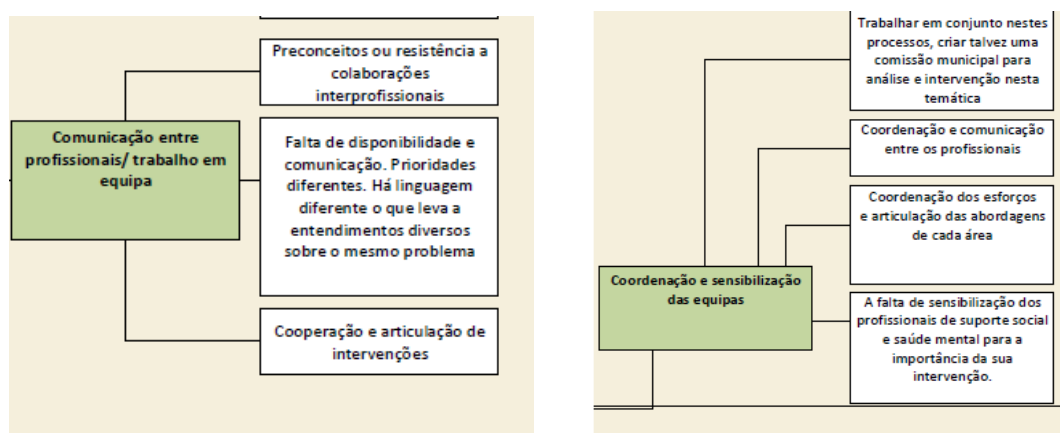


Figura 12 – Diagrama de contributos: comunicação entre os profissionais e coordenação e sensibilização das equipas

Os participantes destacaram também a existência de problemas de comunicação e coordenação entre profissionais de diferentes áreas.

Exemplos de respostas ilustrativas:

“O maior desafio é articular as abordagens de cada área”

“O bom entendimento [...] falta de disponibilidade e comunicação. Prioridades diferentes.”

“Primeiro articularem-se, ouvirem-se. Tem que arranjar um modo de estarem em contato e de parte a parte informaram-se, aprenderem se calhar mais fora da sua área, para poderem relatar e comunicar situações quando andam no terreno que poderão ter que ser intervencionadas em conjunta.”

Destaca-se também a falta de formação para liderar estas equipas mediante abordagens holísticas.

Exemplos de respostas ilustrativas:

“Um desafio contínuo é como lidar com a complexidade de uma intervenção que aborde tanto as necessidades de um ser humano quanto as de um animal. Isso exige uma abordagem holística que leve em consideração a saúde física, emocional e social dos dois, e que muitas vezes requer tempo, paciência e uma metodologia cuidadosa.”

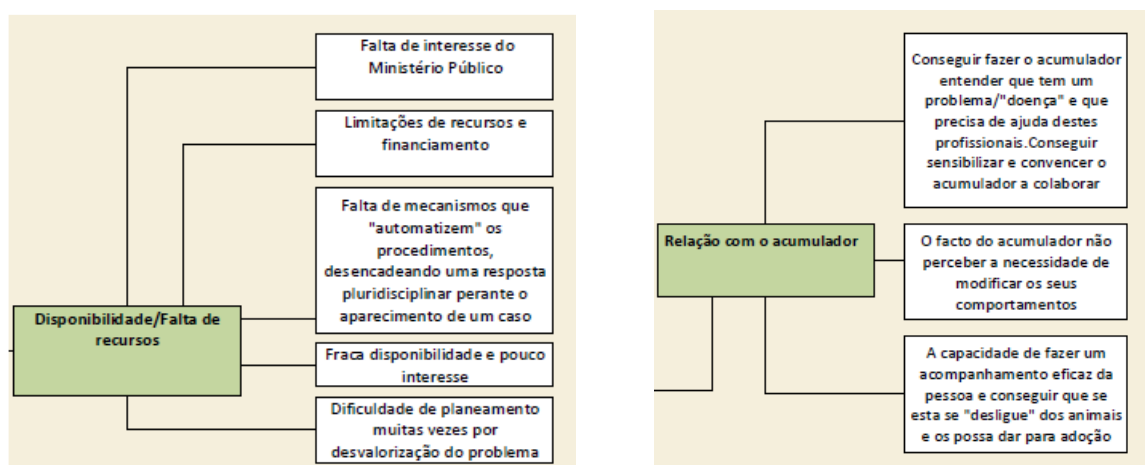


Figura 13 – Diagrama de contributos: disponibilidade, falta de recursos e relação com o acumulador

Outro obstáculo apontado foi a ausência de protocolos e falta de recursos humanos e financeiros; a falta de recursos e de apoio institucional por parte de entidades como o Ministério Público e a dificuldade em envolver o acumulador na mudança de comportamento.

Exemplos de respostas ilustrativas:

“2. Limitações de recursos e financiamento

[...]

5. Falta de protocolos e diretrizes claras”

“Fracas disponibilidade e limites de paciência reduzidos.”

“Disponibilidade dos profissionais de saúde para nos acompanharem e interesse, pois muitas vezes as situações que incluem animais não são levadas em consideração, nem são uma prioridade.”

“A abordagem inicial junto do acumulador é sempre difícil.”

“Conseguir fazer o acumulador entender que tem um problema/"doença" e que precisa de ajuda destes profissionais. Conseguir sensibilizar e convencer o acumulador a colaborar.”

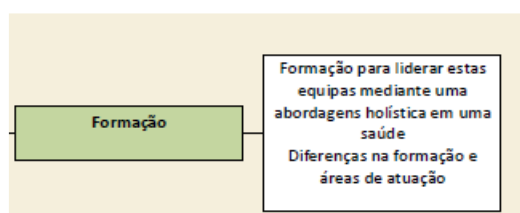


Figura 14 – Diagrama de contributos: formação

Por fim, foi também salientada a necessidade de formação específica para profissionais e de criação de comissões municipais dedicadas a esta problemática.

Exemplos de resposta ilustrativa:

“Trabalhar em conjunto nestes processos, criar talvez uma comissão municipal para análise e intervenção nesta temática.”

“Formação para liderar estas equipas mediante uma abordagem holística.”

“Diferenças na formação e áreas de atuação.”

Em suma, os resultados evidenciam quatro temas principais, sintetizados na Figura 4 (p.40): as estratégias de intervenção consideradas mais eficazes pelos participantes; as barreiras e desafios encontrados no processo de intervenção; o potencial inerente a uma abordagem multidisciplinar; e, por fim, os desafios específicos que esta acarreta.

Para ilustrar estes eixos temáticos, foram selecionados 58 exemplos representativos de um total de 151 respostas, sistematizadas nas Tabelas 1 a 6 (Anexo F).

É relevante salientar que, embora tenham sido recolhidos excertos no total, não se mostrou necessário apresentar a totalidade de dados em bruto. Foram selecionados 58 exemplos

ilustrativos, de acordo com a sua relevância e representatividade no que concerne os temas emergentes. Desta forma, os excertos apresentados permitem sustentar e ilustrar de forma clara os quatro eixos temáticos identificados, sem comprometer a diversidade da informação recolhida na totalidade.

Embora não contabilizados no total de excertos em bruto (n= 151), os contributos do *focus group* foram analisados segundo as categorias previamente definidas e incluídos nos resultados com o objetivo de corroborar e ilustrar os temas identificados.

Discussão

Discussão dos Resultados e Conclusões

Os resultados destacaram a importância da criação de uma abordagem multidisciplinar e pluridisciplinar, incluindo profissionais de saúde animal, saúde mental e assistência social. De acordo com Patronek e colaboradores (2006), a intervenção pluridisciplinar e a aplicação da abordagem *One Health* são as mais eficazes quando se realiza a intervenção nestes casos. Segundo diversos autores, para melhorar a eficiência nos casos de acumulação é necessário a construção de equipas que integrem todas as vertentes profissionais, nomeadamente assistentes sociais, psicólogos, médicos, veterinários e profissionais da área do bem-estar animal (Patronek, 1999; Berry et al., 2005; Patronek et al., 2006; Castrodale et al., 2010; Williams, 2014; Strong et al., 2018).

No entanto, a formação contínua destes profissionais, bem como o desenvolvimento de protocolos claros para a criação de redes de apoio, são necessárias para superar as barreiras identificadas.

Contudo, outra dificuldade relatada pelos profissionais foi a implementação de uma intervenção articulada. A falta de formação específica, a resistência à colaboração interprofissional e a ausência de protocolos claros são alguns dos fatores que dificultam a implementação prática de estratégias pluridisciplinares.

O sucesso das intervenções depende da capacidade de integrar e coordenar diferentes abordagens de forma coesa e eficaz, o que requer formação adequada e políticas públicas que incentivem essa colaboração.

Foi relatado diversas vezes ao longo das sessões de *focus group* que existe claramente um impedimento na intervenção nestes casos relacionado à falta de apoio do estado e dos custos associados à criação de mecanismos que “automatizem” este tipo de intervenções. A menção das limitações de recursos e financiamento e da falta de protocolos e diretrizes específicas são fatores que a literatura corrobora. Patronek (2006) afirma que a criação das equipas multidisciplinares sobrecarrega financeiramente a comunidade e o governo, assim como também os técnicos envolvidos nestas intervenções.

Existe, também, uma sobrecarga geral nos centros de recolha oficial e entidades responsáveis por recolher os animais errantes, que acabam por ficar encarregues de receber um número muito elevado dos mesmos. Para além disto, estes animais apresentam frequentemente comportamentos agressivos ou disfuncionais que dificultam o processo de adoção, levando a que os recursos da entidade sejam utilizados durante muito tempo, podendo levar ao aumento do prazo de espera até que estes sejam adotados (Patronek et al., 2006, cit. por Calvo, Duarte, Bowen, Bulbena, & Fatjó, 2014).

Outro contratempo frequentemente apresentado pelos participantes foi a falta de colaboração dos acumuladores e a dificuldade de comunicação entre eles. A construção de uma relação com o acumulador é uma tarefa exigente devido às justificações apresentadas pelo mesmo para os seus comportamentos, assim como a apresentação de comportamentos agressivos e desagradáveis direcionados aos profissionais responsáveis pela intervenção (Patronek et al., 2006).

A maioria dos artigos existentes sobre o fenómeno da acumulação salienta a necessidade de criar e manter uma relação de confiança com o acumulador, em que exista uma maior disponibilidade e abertura à negociação por parte dos profissionais intervenientes, assim como a adoção de uma postura em que não se realizem juízos de valor (Berry et al., 2005; Patronek et al., 2006; Patronek & Nathanson, 2009; Williams, 2014; Lockwood, 2018; Strong et al., 2018).

Esta relação deve ser mantida não apenas durante a intervenção na crise, mas também na prevenção e no acompanhamento após a crise. A triagem de comportamentos de acumulação e o acompanhamento contínuo da pessoa acumuladora, foi algo que os participantes reforçaram ao longo da recolha de dados, como um passo essencial na intervenção. Este acompanhamento é algo que também é mencionado na literatura. Patronek (2006) destacou que o acompanhamento deve ser “integral e ininterrupto” para evitar a reincidência dos indivíduos acumuladores (Patronek et al., 2006).

De acordo com os resultados e no decorrer do *focus group*, foi possível verificar que a prática de sucesso mais mencionada foi o follow-up do acumulador e acompanhamento a longo prazo destes casos. Os resultados são confirmados pela literatura existente, que afirma que a intervenção deve ser realizada de forma contínua com monitorização do acumulador numa base regular, para evitar a reincidência (Berry et al., 2005; Patronek et al., 2006; Patronek & Nathanson, 2016; Lockwood, 2018; Strong et al., 2018).

Os participantes relataram que existe “dificuldade de reunir as boas vontades das diversas entidades”. É primordial que a comunidade e os profissionais estejam devidamente alertas para este comportamento e que encarem este fenómeno como uma questão comunitária (Berry et al., 2005; Williams, 2014; Lockwood, 2018; Strong et al., 2018).

Além disto, muitos dos profissionais apontaram para a ausência de uma equipa multidisciplinar e a falta de suporte legal como as principais grandes barreiras. A literatura corrobora as dificuldades apontadas pelos participantes, nomeadamente a dificuldade em intervir nestes contextos, pois muitas das vezes os indivíduos acumuladores não reconhecem a natureza do seu problema e utilizam diversas técnicas para tentar justificar os seus comportamentos (Mills, 1940, Scott & Lyman, 1968, Snyder, 1985, Sykes & Matza, 2002, cit. por Vaca-Guzmán & Arluke, 2005).

Outro desafio mencionado foi a falta de articulação entre os diferentes profissionais, o que prejudica a eficácia da intervenção. Muitos participantes afirmaram que a comunicação entre os profissionais de saúde, assistentes sociais e veterinários muitas vezes não é suficientemente fluida, o que dificulta a implementação de uma abordagem holística.

Uma das maiores dificuldades na articulação e coordenação das equipas multidisciplinares está relacionada com o facto de a acumulação animal ser ainda um fenómeno pouco conhecido pela comunidade e pelos profissionais. Para os autores Costa, Ferreira, Paloski, Irigaray e Moret-Tatay (2024) a formação dos profissionais acerca desta temática é crucial para o aumento da eficácia da intervenção.

A dificuldade na execução do trabalho articulado é também referida uma dificuldade referida em diversos artigos. Que destacam ativamente a necessidade de criar protocolos e mecanismos de comunicação eficazes entre todas as partes envolvidas (Berry, Patronek, & Lockwood, 2005, cit. por Costa & Casanova, 2020).

Outro aspeto importante a destacar nesta discussão, é que ao longo do processo de recolha de dados, foi possível verificar que na opinião de alguns participantes ainda existe uma visão de foco na responsabilização criminal das pessoas acumuladoras, ao invés de observar este fenómeno como multifatorial e com diferentes dimensões a tratar.

A literatura mencionada no capítulo “intervenções existentes” vai de encontro a estes resultados, demonstrando que a intervenção realizada na grande maioria dos casos se foca não no auxílio à pessoa acumuladora, mas na punição destes comportamentos.

Um dos participantes destacou a importância deste pensamento, afirmando: “Responsabilizar o responsável e dar-lhe poder para encaminhar os animais, escolher quais ceder, quais adotar. Mais que "castigar", fazer uma parceria com essa pessoa para juntos resolvermos a situação.”

Estes achados vão contra a literatura existente, que defende que em determinados casos de acumulação poderá ser necessário recorrer a ações penais (Patronek et al., 2006).

Os participantes destacaram abordagens com base em duas perspetivas distintas, abordagens com foco no *One Health* e abordagens com foco no diagnóstico e na vertente clínica. A maioria dos participantes salientou a importância da abordagem *One Health*, que visa integrar saúde humana, animal e ambiental, como essencial para intervir na complexidade das situações de acumulação animal. Estas sugestões estão de acordo com a literatura, que afirma que existe uma grande necessidade da criação de uma resposta integrada e colaborativa entre diversas áreas profissionais para lidar de forma mais adequada com estes casos (Berry et al., 2005, Castrodale et al., 2010, cit. por Williams, 2014).

À luz da abordagem *One Health*, é possível enquadrar e diferenciar um problema grave de saúde mental e saúde pública, situações de proteção de animais errantes e a interface com a produção forçada de animais. Esta abordagem permite reforçar o papel de cada uma das partes envolvidas, sejam elas entidades de saúde pública, veterinários, serviços sociais ou judiciais, promovendo assim uma atuação mais coordenada e eficaz. Por exemplo, ao integrar diferentes sistemas de vigilância e resposta, torna-se possível articular ações preventivas com medidas de correção de comportamentos de acumulação, em tempo útil.

Já à luz de uma intervenção focada no diagnóstico, foram identificadas estratégias mais orientadas para a identificação precoce e categorização da acumulação. Estas incluem a avaliação sistemática de indicadores de saúde mental e a criação de critérios de risco para triagem de casos com potencial evolutivo para a acumulação, como já referido na página 47. O diagnóstico diferencial torna-se, assim, crucial para criar planos de intervenção mais eficazes e personalizados, adaptados às características individuais de cada caso.

Desta forma, é importante que a equipa multidisciplinar inclua diferentes profissionais dentro da saúde pública e mental, proteção de menores e adultos e profissionais de bem-estar animal, de maneira a estarem devidamente preparadas para se adaptarem aos diferentes cenários, continuando a prestar assistência ao indivíduo acumulador mesmo após a intervenção (Lockwood, 2018).

É de sublinhar que, não existe uma intervenção *one fits all* no fenómeno da acumulação animal, já que este é multifacetado e requer a adequação das estratégias de intervenção a cada um dos diferentes perfis comportamentais de acumuladores, tendo sempre em conta as suas peculiaridades. Por exemplo, os cuidadores sobrecarregados podem aceitar a intervenção das autoridades e concordar com a diminuição do número de animais, mas necessitam de um acompanhamento e orientação contínua. No que concerne os acumuladores missionários, estes aparentam ser menos abertos à colaboração com os profissionais.

Por fim, apesar de na intervenção com acumuladores exploradores a abordagem mais utilizada ser a penal, é importante realçar novamente que a intervenção deve ser focada na saúde mental do indivíduo em vez de na criminalização, reforçando a visão de que a acumulação animal se trata de um problema multifacetado (Berry et al., 2005; Patronek et al., 2006; Patronek & Nathanson, 2009; Williams, 2014; Lockwood, 2018; Strong et al., 2018).

Através dos resultados, foi possível gerar um raciocínio mais claro e diferenciado entre os fatores urbanos e os fatores rurais, bem como refletir sobre a necessidade da criação de orientações distintas para a intervenção em contextos urbanos e rurais. As particularidades sociais, legais e infraestruturais de cada meio implicam a necessidade de protocolos adaptados à realidade local.

Deste modo, torna-se claro que não existe um único fenómeno, mas sim diversas problemáticas, dentro do fenómeno mais amplo, que é a acumulação animal. Esta complexidade acaba por dificultar a intervenção antecipada, que, na maioria das situações, não é possível devido à ausência de mecanismos eficazes de sinalização precoce e atuação imediata.

Em suma, a acumulação animal é uma ocorrência extremamente complexa, sem soluções de resolução fáceis. É um fenómeno que levanta diversas questões na interseção entre as ciências do comportamento e a área do direito (Lockwood, 2018).

A intervenção em situações de acumulação animal requer uma abordagem multidisciplinar e articulada, que reconheça a complexidade do problema e a necessidade de abordar as questões de saúde humana, animal e social de forma conjunta, que não se foque, somente, na responsabilização criminal, sem qualquer preparação para seguimento por parte dos técnicos ou acompanhamento psicoterapêutico do acumulador condenado, com vista à prevenção da reincidência.

Assim, podemos concluir que o potencial da abordagem multidisciplinar é grande, mas os desafios relacionados com a colaboração entre profissionais, com a falta de formação específica e à resistência dos indivíduos acumuladores, ainda representam obstáculos significativos que precisam de ser enfrentados, para melhorar a eficácia das intervenções.

Limitações

Embora esta investigação forneça contributos relevantes para a compreensão das perspetivas de diferentes profissionais sobre a intervenção em casos de acumulação animal em Portugal, como todos os estudos apresentam limitações, este não é exceção.

Apesar da amostra utilizada nesta investigação ter incluído profissionais de diversas áreas e regiões do país, a sua dimensão um pouco reduzida e o método de amostragem não probabilística limitam a generalização dos resultados. As perceções que foram obtidas retratam as experiências individuais dos participantes, levando a que possivelmente esta realidade não seja aplicável em todo o território nacional.

É também relevante destacar que, devido à recolha de dados ter sido realizada através de entrevistas e de um questionário qualitativo, este método pode estar sujeito a vieses de memória, interpretações pessoais e a sensibilidade da temática em causa poderá ter levado alguns dos participantes a apresentar respostas politicamente corretas.

Dentro do tema da recolha de dados, uma das principais limitações da utilização de *focus group* trata-se da interferência que posso ter tido enquanto investigadora no decorrer do mesmo e as dispersões do grupo em si, por ser heterogéneo (Galego & Gomes, 2005).

Outra limitação a salientar, é a falta de inclusão de testemunhos com a prática efetiva no terreno, devido ao objetivo da investigação se focar essencialmente nas perceções e experiências narradas pelos profissionais.

O facto de não ter sido considerada a perspetiva dos indivíduos acumuladores, nem outras pessoas como vizinhos, familiares ou membros pertencentes à comunidade pode ser visto como outra limitação, na medida em que poderia oferecer uma compreensão mais aprofundada e abrangente sobre o fenómeno da acumulação animal.

Por fim, apesar de terem sido abordadas as diferenças entre contextos urbanos e rurais, estas não foram analisadas de uma forma muito aprofundada. A falta de minúcia neste tema

poderá ter contribuído para uma diminuição das especificidades que impactam significativamente as estratégias e resultados das intervenções.

Propostas para Estudos Futuros

Considerando as limitações anteriormente identificadas, a primeira sugestão para um estudo futuro insere sobre a inclusão de uma amostra mais alargada e a utilização de um método de amostragem que permita uma maior representatividade, abrangendo mais regiões a nível nacional, diferentes tipos de instituições e níveis de experiência profissional.

Em segundo lugar, devido a não existirem informações acerca do acompanhamento de forma sistemática e a longo-prazo dos casos de acumulação (Berry et al., 2005; Reinisch, 2009), uma proposta relevante seria a criação de um estudo do papel dos profissionais na prevenção e no acompanhamento das situações de acumulação animal.

Neste sentido, seria também relevante desenvolver uma investigação em que fossem integradas para além das experiências dos profissionais que realizam intervenções nestes casos, as opiniões e perceções dos indivíduos acumuladores, membros da comunidade e familiares, de maneira a retratar com uma maior profundidade a complexidade deste fenómeno, nomeadamente, através da criação de um estudo de caso com base na abordagem *Community Based Participatory Research* (CBPR).

A CBPR é um método de pesquisa utilizado quando se deseja aprofundar um tema a nível local, incluindo a comunidade, em que se procura ativamente a partir dos resultados instalar uma mudança social positiva (Schinke & Blodgett, 2016).

Assim, seria possível observar o acumulador, num contexto em que os próprios são agentes de mudança, quer na intervenção na crise, quer nas intervenções no terreno, o que poderá fornecer dados mais objetivos sobre barreiras, facilitadores e resultados.

Esta sugestão surgiu a partir do comentário de um dos participantes do *focus group*, que propôs a construção de um estudo que permitisse analisar como seria se o acumulador participasse na sua intervenção, que seria realizada de forma clínica, contextualizada e orientada para a psicologia.

Uma última proposta de investigação futura, consistiria no aprofundamento das diferenças contextuais de cada acumulador, explorando como é que fatores socioeconómicos e culturais influenciam a acumulação animal.

Reflexões conclusivas

O presente estudo teve como objetivo compreender a perspectiva e a opinião de diferentes profissionais: psicólogos, veterinários, forças de segurança e equipas de intervenção e resgate, acerca da intervenção em situações de acumulação animal em Portugal.

A análise das experiências relatadas permitiu identificar a inexistência de um enquadramento único para lidar com estas situações, sendo as intervenções caracterizadas por grande heterogeneidade de práticas e entendimentos.

Destaca-se o papel essencial da psicologia na compreensão do fenómeno, na medida em que a acumulação de bens é frequentemente conceptualizada como uma perturbação mental, enquanto a acumulação animal tende a ser tratada no âmbito do crime.

Este dualismo revela-se problemático, já que a responsabilização criminal não tem produzido eficácia, levando, frequentemente, à reincidência deste comportamento, pela ausência de acompanhamento especializado e multidisciplinar.

Os testemunhos recolhidos revelaram ainda que, para os profissionais, o foco deve recair numa intervenção proativa com foco na saúde mental e no apoio continuado. A responsabilização criminal mostra-se inadequada, dado que o dolo ou a negligência dificilmente podem ser atribuídos a indivíduos cuja condição lhes retira a capacidade de avaliar a gravidade da situação. Nessas situações, revela-se também essencial que os profissionais que efetuam perícias em sede de processos criminais, nos quais o acumulador é denunciado ou acusado, se encontrem despertos e preparados para a especificidade e complexidade da perturbação, por forma a auxiliar de forma rigorosa as autoridades legais na ponderação entre aplicar a punição criminal ou encaminhar coercivamente a pessoa acumuladora para acompanhamento.

Neste sentido, as conclusões apontam para a necessidade de considerar a pessoa acumuladora não apenas como fonte do problema, mas também como parte integrante da solução, através de intervenções que integrem prevenção, acompanhamento e suporte psicossocial.

Outro contributo relevante deste estudo, prende-se com a identificação da importância de um equilíbrio entre os direitos humanos e o bem-estar animal, evitando abordagens exclusivamente judiciais ou estritamente focadas na saúde mental. A análise dos profissionais

reforça a pertinência de um escrutínio e acompanhamento partilhado, de natureza interdisciplinar, devido a se tratar de uma problemática de baixa incidência, mas de elevado impacto social e individual.

Em termos de contributos, esta investigação permitiu, a partir dos relatos diretos dos profissionais, compreender de forma mais aprofundada as diferentes perspetivas existentes e aproximar a análise às complexidades da acumulação animal intencional face a outras formas de acumulação.

Pretende-se que os resultados aqui apresentados possam contribuir para o aperfeiçoamento de estratégias de prevenção, bem como para um maior ajustamento do acompanhamento no pós-crise, de modo a promover respostas mais eficazes no antes, durante e depois das situações de acumulação animal.

Referências Bibliográficas

American Psychiatric Association. (2022). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed., text rev.; DSM-5-TR). American Psychiatric Publishing. <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425787>

Arluke, A., Patronek, G., Lockwood, R., & Cardona, A. (2017). Animal hoarding. In *The Palgrave international handbook of animal abuse studies* (pp. 107-129). London: Palgrave Macmillan UK

Arluke, A. (2006). *Just a dog: Understanding animal cruelty and ourselves*. Temple University Press

Arluke, A., Frost, R., Luke, C., Messner, E., Nathanson, J., Patronek, G. J., ... & Steketee, G. (2002). *Health implications of animal hoarding*. *Health & Social Work, 27*(2), 125–136. <https://doi.org/10.1093/hsw/27.2.125>

Berry, C., Patronek, G., & Lockwood, R. (2005). Long-term outcomes in animal hoarding cases. *Animal Law, 11*, 167–194.

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology, 3*(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

Calvo, P., Duarte, C., Bowen, J., Bulbena, A., & Fatjó, J. (2014). Characteristics of 24 cases of animal hoarding in Spain. *Animal Welfare, 23*(2), 199-208. <https://doi.org/10.7120/09627286.23.2.199>

Castrodale, L., Bellay, Y. M., Brown, C. M., Cantor, F. L., Gibbins, J. D., Headrick, M. L., ... & Yu, D. T. (2010). General public health considerations for responding to animal hoarding cases. *Journal of Environmental Health, 72*(7), 14–19.

Clarke, I. (2008). Learning from critical incidents. *Advances in Psychiatric Treatment, 14*(6), 460-468. <https://doi.org/10.1192/apt.bp.107.005357>

Costa, D. B., Ferreira, E. A., Paloski, L. H., Irigaray, T. Q., & Moret-Tatay, C. (2024). Training on animal hoarding disorder for public health professionals. *Psico, 55*(1), e40318-e40318. <https://doi.org/10.1590/1678-466X202431017>

Costa, S., & Casanova, C. (2020). Crime ou desordem de acumulação de animais? O papel das redes sociais no entendimento dos acontecimentos de Santo Tirso. *Estudos de Sociologia*, 25(49), 147-172. <https://doi.org/10.52780/res.14069>

Dozier, M. E., Bratiotis, C., Broadnax, D., Le, J., & Ayers, C. R. (2019). A description of 17 animal hoarding case files from animal control and a humane society. *Psychiatry Research*, 272, 365–368. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.12.137>

Elliott, R., Snowdon, J., Halliday, G., Hunt, G. E., & Coleman, S. (2019). Characteristics of animal hoarding cases referred to the RSPCA in New South Wales, Australia. *Australian Veterinary Journal*, 97(5), 149–156. <https://doi.org/10.1111/avj.12806>

Epley, N., Waytz, A., & Cacioppo, J. T. (2007). On seeing human: A three-factor theory of anthropomorphism. *Psychological Review*, 114(4), 864–886. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.114.4.864>

Ferreira, E. A., Paloski, L. H., Costa, D. B., Moret-Tatay, C., & Irigaray, T. Q. (2020). Psychopathological comorbid symptoms in animal hoarding disorder. *Psychiatric Quarterly*, 91, 853-862. <https://doi.org/10.1007/s11126-019-09785-5>

Frost, R. O., Patronek, G., & Rosenfield, E. (2011). Comparison of object and animal hoarding. *Depression and Anxiety*, 28(10), 885-891. <https://doi.org/10.1002/da.20850>

Frost, R. O., Steketee, G., & Williams, L. (2000). Hoarding: A community health problem. *Health & Social Care in the Community*, 8(4), 229-234. <https://doi.org/10.1046/j.1365-2524.2000.00267.x>

Frost, R. O., & Steketee, G. (2010). *Stuff: Compulsive hoarding and the meaning of things*. Houghton Mifflin Harcourt.

Galego, C., & Gomes, A. A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: O “focus group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, 5(5), 173–184. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1012>

Given, L. M. (2008). *The SAGE encyclopedia of qualitative research methods*. SAGE Publications.

Guerra, S., Sousa, L., & Ribeiro, O. (2021). Report practices in the field of animal hoarding: A scoping study of the literature. *Journal of Mental Health*, 30(5), 646–659. <https://doi.org/10.1080/09638237.2021.1871459>

Hoarding of Animals Research Consortium (HARC). (2002). Health implications of animal hoarding. *Health & Social Work, 27*(2), 125–136. <https://doi.org/10.1093/hsw/27.2.125>

Irvine, J. D., & Nwachukwu, K. (2014). Recognizing Diogenes syndrome: A case report. *BMC Research Notes, 7*(1), 276. <https://doi.org/10.1186/1756-0500-7-276>

Lima, C. M. G. D., Dupas, G., Oliveira, I. D., & Kakehashi, S. (1996). Pesquisa etnográfica: Iniciando sua compreensão. *Revista Latino-Americana de Enfermagem, 4*(1), 21–30.

Livesley, W. J. (2007). An integrated approach to the treatment of personality disorder. *Journal of Personality Disorders, 21*(2), 1–21. <https://doi.org/10.1521/pedi.2007.21.2.1>

Lockwood, R. (2018). Animal hoarding: The challenge for mental health, law enforcement, and animal welfare professionals. *Behavioral Sciences & the Law, 36*(6), 698–716. <https://doi.org/10.1002/bsl.2397>

Low, P. (2012, July 7). *Declaração de Cambridge sobre a Consciência*. Conferência Memorial Francis Crick sobre Consciência em Animais Humanos e Não Humanos, Cambridge, Reino Unido. <https://www.animal-ethics.org/declaracao-consciencia-cambridge/>

Lyons-Ruth, K., Dutra, L., Schuder, M. R., & Bianchi, I. (2006). From infant attachment disorganization to adult dissociation: Relational adaptations or traumatic experiences? *The Psychiatric Clinics of North America, 29*(1), 63–80.

Mackenzie, J. S., & Jeggo, M. (2019). The One Health approach—Why is it so important? *Tropical Medicine and Infectious Disease, 4*(2), 88.

Moniz, M. J. V., António, R., Barros, R., & Amarante, N. (2021). *Guia de intervenção e prevenção em situações de acumulação de animais*. Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

Nadal, Z., Ferrari, M., Lora, J., Revollo, A., Nicolas, F., Astegiano, S., & Díaz Videla, M. (2022). Noah's syndrome: Systematic review of animal hoarding disorder. *Human–Animal Interaction Bulletin, 2022*, 1–16. <https://doi.org/10.17323/haib.2022.1517>

Nathanson, J. N. (2009). Animal hoarding: Slipping into the darkness of comorbid animal and self-neglect. *Journal of Elder Abuse & Neglect, 21*(4), 307–324. <https://doi.org/10.1080/08946560903215064>

Nakash-Eisikovits, O. R. A., Dutra, L., & Westen, D. (2002). Relationship between attachment patterns and personality pathology in adolescents. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, *41*(9), 1111–1123.

Patronek, G. J. (1999). Hoarding of animals: An under-recognized public health problem in a difficult-to-study population. *Public Health Reports*, *114*(1), 81–87. [https://doi.org/10.1016/S0033-3549\(04\)50009-0](https://doi.org/10.1016/S0033-3549(04)50009-0)

Patronek, G. J. (2001). The problem of animal hoarding. *Municipal Lawyer*, *19*(6), 19–23.

Patronek, G. J. (2006). Animal hoarding: Its roots and recognition. *Veterinary Medicine*, *101*(8), 520–524. <https://www.avma.org/resources-tools/animal-hoarding>

Patronek, G. J., Loar, L., & Nathanson, J. N. (Eds.). (2006). *Animal hoarding: Structuring interdisciplinary responses to help people, animals and communities at risk*. Hoarding of Animals Research Consortium.

Patronek, G. J., & Nathanson, J. N. (2009). A theoretical perspective to inform assessment and treatment strategies for animal hoarders. *Clinical Psychology Review*, *29*(3), 274–281. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2009.01.003>

Reinisch, A. I. (2008). Understanding the human aspects of animal hoarding. *The Canadian Veterinary Journal*, *49*(12), 1211–1213. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2370919/>

Robertson, A. (2018). *Are there similarities between the Local Authorities of England and Wales in their approaches to hoarding behaviour?* (Doctoral dissertation, University of the West of England). <https://eprints.uwe.ac.uk/37016/>

Rynearson, E. K. (1978). Humans and pets and attachment. *The British Journal of Psychiatry*, *133*(6), 550–555.

Samuels, J. F., Bienvenu, O. J., Grados, M. A., Cullen, B., Riddle, M. A., Liang, K.-Y., ... & Nestadt, G. (2008). Prevalence and correlates of hoarding behavior in a community-based sample. *Behaviour Research and Therapy*, *46*(7), 836–844. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2008.04.004>

Schiavo, L., Ribeiro, M. L., de Almeida, M. B., da Cunha, G. R., Espírito Santo, G. A. N., Morikawa, V. M., ... & Biondo, A. W. (2024). One Health approach for *Brucella canis*:

Serological and molecular detection in animal-hoarding individuals and their dogs. *PLoS Neglected Tropical Diseases*, 18(3), e0011974.

Schinke, R. J., & Blodgett, A. T. (2016). Embarking on community-based participatory action research: A methodology that emerges from (and in) communities. In B. Smith & A. C. Sparkes (Eds.), *Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise* (pp. 110–122). Routledge.

Serpell, J. (1986). *In the company of animals: A study of human-animal relationships*. Cambridge University Press.

Silva-Júnior, A. B., de Oliveira, C. S. F., de Magalhães, D. F., Soares, L. B. G., Xaulim, G. D. M. D. R., de Castro Teotônio, H., & Paiva, M. T. (2019). Transtorno de acumulação de animais: Identificação, classificação e possíveis medidas a serem tomadas. *CRMV-MG*, 143, 24–28.

Spradley, J. P. (2016). Interviewing an informant. In *The ethnographic interview* (pp. 55–68). (Original work published 1979). Waveland Press.

Squance, H., MacDonald, C., Stewart, C., Prasanna, R., & Johnston, D. M. (2021). Strategies for implementing a one welfare framework into emergency management. *Animals*, 11(11), 3141. <https://doi.org/10.3390/ani11113141>

Steketee, G., & Frost, R. O. (2014). Phenomenology of hoarding. In R. O. Frost & G. Steketee (Eds.), *The Oxford handbook of hoarding and acquiring* (pp. 19–32). Oxford University Press.

Steketee, G., Gibson, A., Frost, R. O., Alabiso, J., Arluke, A., & Patronek, G. (2011). Characteristics and antecedents of people who hoard animals: An exploratory comparative interview study. *Review of General Psychology*, 15(2), 114–124.

Strong, S., Federico, J., Banks, R., & Williams, C. (2018). *A collaborative model for managing animal hoarding cases*. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, 22(3), 267–278. <https://doi.org/10.1080/10888705.2018.1490183>

Stumpf, B. P., Calácio, B., Branco, B. C., Wilnes, B., Soier, G., Soares, L., ... & Barbosa, I. G. (2023). Animal hoarding: A systematic review. *Brazilian Journal of Psychiatry*. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2022-3218>

Tolin, D. F., Frost, R. O., Steketee, G., Gray, K. D., & Fitch, K. E. (2008). The economic and social burden of compulsive hoarding. *Psychiatry research*, *160*(2), 200-211.

Vaca-Guzman, M., & Arluke, A. (2005). Normalizing passive cruelty: The excuses and justifications of animal hoarders. *Anthrozoös*, *18*(4), 338-357. <https://doi.org/10.2752/089279305785394375>

Williams, B. (2014). Animal hoarding-recognition and possible interventions. *In Practice*, *36*(4), 199-205. <https://doi.org/10.1136/inpractice.36.4.199>

Worth, D., & Beck, A. M. (1981). Multiple ownership of animals in New York City. *Transactions of the Studies of the College of Physicians of Philadelphia*, *3*(4), 280-300.

Anexos

Anexo A – Questionário *Google Forms*



A Perspectiva Profissional no Fenómeno da Acumulação Animal em Portugal: Um Interface entre o Direito Humano e Animal

Convidamo-lo/a a participar neste questionário, que se enquadra na dissertação sobre a Acumulação Animal em Portugal, sob a orientação da Professora Doutora Maria João Vargas Moniz, inerente ao Mestrado em Psicologia Clínica, que decorre no ISPA- Instituto Universitário. O presente estudo tem como propósito a exploração da perspectiva dos profissionais no que diz respeito a experiências de acumulação animal.

* Indica uma pergunta obrigatória

Ao aceitar participar neste estudo, compreende que o preenchimento deste questionário pode conduzir ao despertar de algumas emoções e memórias negativas associadas ao relato de situações de acumulação animal e que não existem benefícios diretos associados a si. *

Para manter a confidencialidade das respostas, a sua identificação nunca será revelada e somente o investigador terá acesso aos seus dados.

A participação neste estudo é voluntária. Tem o direito de desistir a qualquer momento, sem qualquer tipo de penalização.

Ao assinalar abaixo, indica que leu e compreendeu este termo de consentimento livre e informado e que concorda em participar neste estudo.

Aceita participar neste estudo?

Em caso de dúvida, pode contactar 28521@alunos.ispa.pt ou maria_moniz@ispa.pt.

Sim

Não

Questionário Sociodemográfico

1. Qual é o seu género?

- Masculino
- Feminino
- Prefiro não dizer

2. Área de residência *

- Norte
- Centro
- Grande Lisboa
- Alentejo
- Algarve
- Região Autónoma da Madeira
- Região Autónoma dos Açores

3. Número de anos de experiência na área profissional? *

A sua resposta

Em situações de acumulação animal, quais as potenciais estratégias de intervenção que considera mais eficazes?

A sua resposta

Na sua opinião, quais são as barreiras e desafios encontrados pelos profissionais ao intervir em casos de acumulação animal?

A sua resposta

Qual o potencial da intervenção pluridisciplinar articulada entre profissionais de saúde animal e profissionais de suporte social? *

A sua resposta

Quais os desafios da intervenção articulada entre profissionais com responsabilidade da promoção da saúde animal e os profissionais de suporte social e da saúde mental? *

A sua resposta

Anexo B – Guião Semi-estruturado

Introdução:

- Agradecimento pela participação.
- Explicação do objetivo da discussão: compreender as perceções e desafios enfrentados na intervenção em casos de acumulação animal.
- Reforço da confidencialidade e incentivo à participação ativa.

Deteção Precoce

1. Na sua opinião, quais são os sinais mais evidentes de acumulação animal?

Prompts

- Como é que podemos diferenciar um indivíduo que simplesmente tem muitos animais de um caso de acumulação?
- Quais são os primeiros indícios que costumam levantar suspeitas de que um caso precisa de intervenção?
- Quais os sinais que são mais fáceis de serem identificados pela comunidade e que poderiam servir como um alerta precoce?

2. Quais os fatores que poderão contribuir para o desenvolvimento desta situação?

Prompts:

- Na sua opinião, quais são os fatores que levam alguém a acumular animais? Serão fatores individuais, sociais ou ambos?
- Acredita que a acumulação animal está relacionada a questões emocionais ou psicológicas? Quais?

- A cultura e a percepção da sociedade sobre os animais podem contribuir para a acumulação? De que maneira?

Fonte: **Williams, B. (2014)**. Animal hoarding-recognition and possible interventions. *In Practice*, 36(4), 199-205. <https://doi.org/10.1136/inp.g2297>

Intervenção

3. Na sua opinião, a quem é que a sociedade atribui a responsabilidade da supervisão e intervenção na acumulação animal?

Prompts:

- Quem é que sente que aos olhos da sociedade está encarregue de resolver estes casos?
- Na sua opinião essa responsabilidade está bem distribuída entre as diferentes entidades (ex.: veterinários, assistentes sociais, autoridades legais)?
- Na sua opinião, a sociedade vê a acumulação animal como um problema de saúde pública, um problema social ou algo apenas relacionado ao bem-estar animal?

4. Quais são as principais dificuldades encontradas pelos profissionais ao lidar com casos de acumulação animal?

Prompts:

- Para quem já teve contacto com este tipo de caso, quais é que sente que foram os maiores desafios enfrentados?
- Considera que as dificuldades são mais de ordem legal, ética, emocional ou operacional? Porquê?

5. Como é que as pessoas percebem o papel dos veterinários municipais e dos trabalhadores do bem-estar animal na gestão destes casos?

Prompts:

- Como descreve a experiência de ser ou trabalhar com veterinários municipais ou trabalhadores do bem-estar animal em casos de acumulação?

- Acha que a sociedade compreende bem o trabalho destes profissionais? Ou existe alguma falta de informação?

6. Na sua opinião, existe algum preconceito comum sobre estes profissionais?

Prompts:

- Alguma vez experienciou comentários negativos sobre o trabalho dos veterinários municipais ou dos trabalhadores de áreas de intervenção mais ligadas ao bem-estar animal ?

- Acha que estes profissionais são muitas vezes vistos apenas como responsáveis por retirar animais, sem considerar o contexto social e psicológico do acumulador?

Fonte: Guerra, S., Sousa, L., & Ribeiro, O. (2020). Report practices in the field of animal hoarding: a scoping study of the literature. *Journal of Mental Health*, 30(5), 646–659. <https://doi.org/10.1080/09638237.2020.1844872>

7. Como é que a falta de recursos tem impacto na atuação das associações e das autoridades?

Prompts:

- Que tipos de recursos são os mais escassos (humanos, financeiros, logísticos)?

- Como é que essa escassez afeta a resolução destes casos?

8. Na sua opinião, existem falhas na comunicação e articulação entre os profissionais envolvidos? Se sim, quais?

Prompts:

- Na sua opinião, os profissionais envolvidos nestes casos comunicam bem entre si?

- Quais os obstáculos que dificultam esta comunicação? (ex.: diferenças na formação, falta de protocolos, resistência a trabalho multidisciplinar, etc.)

9. Quais são as dificuldades na interação com os acumuladores? O que é que geralmente impede a aceitação da intervenção?

Prompts:

- O que é que acha que passa pela cabeça da pessoa acumuladora quando alguém tenta intervir?
- Acha que existe desconfiança por parte dos acumuladores?

Fonte: Patronek, G. J., & Nathanson, J. N. (2009). A theoretical perspective to inform assessment and treatment strategies for animal hoarders. *Clinical psychology review*, 29(3), 274-281.

Clarke, I. (2008). Learning from critical incidents. *Advances in Psychiatric Treatment*, 14(6), 460-468.

Práticas de sucesso que já estejam identificadas

Discussão sobre abordagens focadas no animal:

Sistemas de alerta:

Prompts:

- Que tipo de sistemas de alerta poderiam ser mais eficientes na detecção precoce de casos de acumulação animal?
- Quem deveria ser responsável por monitorizar esses alertas?

Esterilização obrigatória:

Prompts:

- Acredita que a esterilização obrigatória seria eficaz para prevenir a acumulação?
- Como é que podemos garantir que esta medida seja aplicada sem prejudicar os direitos dos animais e dos seus cuidadores?

Retirada gradual dos animais:

Prompts:

- Em que situações é que a retirada gradual seria mais apropriada do que uma remoção imediata?

- Como é que se poderia minimizar o impacto emocional no acumulador durante este processo?

Canalização para adoção:

Prompts:

- Como é que seria possível garantir que os animais resgatados tenham um destino adequado?

- Quais os obstáculos que existem ao encaminhar animais de acumuladores para adoção?

Limitar o acesso a novos animais e licenciar os atuais:

Prompts:

- Acredita que um sistema de licenciamento ajudaria a prevenir a reincidência?

- Como é que se poderia evitar que esta medida fosse facilmente contornada?

Campanhas de sensibilização:

Prompts:

- Que tipo de mensagens seriam mais eficazes para sensibilizar a população sobre a acumulação animal?

- Qual seria a melhor maneira de envolver a comunidade e os profissionais na disseminação destas campanhas?

Discussão sobre abordagens multidisciplinares:

Acompanhamento multidisciplinar

Prompts:

- Que profissionais deveriam estar envolvidos no acompanhamento de casos de acumulação animal?

- Como poderemos garantir que esse acompanhamento seja contínuo e eficaz?

Cooperação entre entidades

Prompts:

- Que entidades deveriam trabalhar juntas para intervir nestes casos?
- Que barreiras dificultam essa cooperação e como podemos superá-las?

Criação de equipas pluridisciplinares

Prompts:

- Acha que a criação de equipas especializadas pluridisciplinares poderia tornar a intervenção mais eficaz?
- Como é que estas equipas deveriam ser estruturadas para garantir bons resultados?

Ação conjunta entre assistentes sociais, médicos e profissionais de saúde mental

Prompts:

- Como é que estes profissionais poderiam contribuir para uma abordagem mais eficiente?
- Existe alguma resistência por parte de algumas destas áreas em colaborar? (ex: veterinários, assistentes sociais, psicólogos)

Sensibilização para os perigos de saúde pública e dos próprios animais

Prompts:

- De que forma podemos educar os acumuladores sobre os riscos sanitários da acumulação?
- Como garantir que esta sensibilização seja feita de maneira empática e sem julgamento?

Estratégias para conquistar a confiança do acumulador

Prompts:

- Que métodos podem ser eficazes para estabelecer uma relação de confiança com a pessoa acumuladora?

- Existem exemplos de estratégias bem-sucedidas que poderiam ser aplicadas?

4. Como pode ser feita a retirada dos animais de maneira ética e eficiente?

Prompts:

- Que critérios deveriam ser usados para determinar quando e como retirar os animais?

- Como minimizar o impacto emocional tanto para o acumulador quanto para os animais?

5. De que forma considera que a abordagem multidisciplinar pode melhorar os resultados da intervenção?

Prompts:

- Comparando com abordagens focadas apenas nos animais, que vantagens é que uma abordagem multidisciplinar traria?

- Já conhece casos em que a abordagem multidisciplinar funcionou bem? O que é que fez a diferença?

6. Como é que podemos melhorar a comunicação entre os diferentes profissionais e entidades envolvidas?

Prompts:

- Como garantimos que todos os profissionais estejam alinhados nos procedimentos e objetivos?

- Que ferramentas ou protocolos poderiam ser implementados para facilitar essa comunicação?

7. Há alguma experiência positiva ou caso de sucesso que gostaria de compartilhar?

Prompts:

- Já participou em algum caso de intervenção bem-sucedida? O que contribuiu para o sucesso dessa intervenção?
- Que abordagens ou soluções foram adotadas que funcionaram bem?
- Existe algum caso que conheça em que a colaboração entre diferentes profissionais (veterinários, assistentes sociais, psicólogos, etc.) tenha gerado bons resultados?

Fonte: Clarke, I. (2008). Learning from critical incidents. *Advances in Psychiatric Treatment*, 14(6), 460-468.

Vaca-Guzman, M., & Arluke, A. (2005). Normalizing passive cruelty: The excuses and justifications of animal hoarders. *Anthrozoös*, 18(4), 338-357.

Costa, D. B., Ferreira, E. A., Paloski, L. H., Irigaray, T. Q., & Moret-Tatay, C. (2024). Training on animal hoarding disorder for public health professionals. *Psico*, 55(1), e40318-e40318.

Recomendações sócio-políticas: Qual seria a próxima etapa para a criação de um plano de intervenção a nível de foco local e a nível de foco nacional.

4. Que políticas públicas poderiam ser criadas para apoiar melhor estes casos?

Prompts:

- O que acha que falta na legislação atual para lidar com a acumulação animal de forma mais eficaz?
- Quais os órgãos públicos que deveriam ter um papel mais ativo na criação de políticas para lidar com o problema?
- Como seria possível equilibrar os direitos dos acumuladores, a proteção dos animais e o interesse público?

Fonte: Squance, H., MacDonald, C., Stewart, C., Prasanna, R., & Johnston, D. M. (2021). *Strategies for Implementing a One Welfare Framework into Emergency Management*. *Animals* 2021, 11, 3141.

Lockwood, R. (2018). Animal hoarding: The challenge for mental health, law enforcement, and animal welfare professionals. *Behavioral sciences & the law*, 36(6), 698-716.

6. Reflexão Final e Sugestões

1. Com base na sua experiência ou percepção, o que poderia ser feito para melhorar a gestão destes casos?

Prompts:

- Que tipo de recursos ou apoios são necessários para os profissionais que lidam com estes casos?

- O que poderia ser feito para garantir uma resposta mais rápida e eficaz quando surge um caso de acumulação animal?

- Acredita que as políticas atuais são suficientes? Se não, o que é que precisa de ser alterado ou acrescentado?

0. Existe mais alguma coisa que gostaria de acrescentar sobre o tema?

Prompts:

- Há alguma questão que não foi abordada nas discussões anteriores, que considera importante para a gestão de casos de acumulação animal?

- Se tivesse a oportunidade de propor uma mudança significativa na abordagem de acumulação animal, o que sugeriria?

- Qual seria a sua mensagem final para os profissionais ou autoridades que lidam com este problema?

Fonte:

Strong, S., Federico, J., Banks, R., & Williams, C. (2018). A collaborative model for managing animal hoarding cases. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, 22(3), 267-278.

Patronek, G. J., & Nathanson, J. N. (2009). A theoretical perspective to inform assessment and treatment strategies for animal hoarders. *Clinical psychology review*, 29(3), 274-281.

Encerramento:

- Agradecimento pela participação e reforço da importância do debate para futuras intervenções.

- Reforço da confidencialidade e convite para possíveis contribuições futuras.

Anexo C – Formulário de Consentimento Informado

Consentimento Informado

Convidamo-lo/a a participar nesta sessão de *focus group*, que se enquadra na dissertação sobre a acumulação animal em Portugal, sob a orientação da professora Maria João Vargas Moniz, do Mestrado em Psicologia Clínica, que decorre no ISPA- Instituto Universitário.

Propósito do Estudo

Este estudo destina-se à exploração da perspectiva dos profissionais no que diz respeito a experiências de acumulação animal. Pretende-se compreender qual é atualmente a perspetiva e a opinião dos diversos profissionais em relação à intervenção em situações de acumulação animal em Portugal.

Procedimento

Ao aceitar participar neste estudo, solicitamos que preencha um pequeno questionário com algumas informações demográficas. A **confidencialidade e o anonimato da informação transmitida será sempre uma prioridade** e por isso garantimos que não será revelado nem o seu nome, nem outros dados que poderão levar à sua identificação.

A entrevista será gravada e posteriormente transcrita, após a verificação e respetiva confirmação de todos/as participantes, sendo que todos os nomes, instituições e locais serão anonimizados para proteção dos dados.

Riscos e desconfortos potenciais

A participação nesta sessão pode conduzir ao despertar de algumas emoções e memórias negativas associadas ao relato de situações de acumulação animal. Caso sinta a necessidade de discutir alguma das questões apresentadas ao longo da entrevista, pode contactar 28521@alunos.ispa.pt ou maria_moniz@ispa.pt.

Benefícios

Com a participação nesta entrevista não existem benefícios diretos para si, no entanto, com o relato da sua história, esperamos contribuir para uma melhor compreensão sobre o impacto da acumulação animal nos profissionais.

Anonimato e confidencialidade

Todas as informações que forem partilhadas ao longo da sessão serão mantidas em sigilo. A participação neste estudo é voluntária. Tem o direito de desistir da entrevista a qualquer momento, sem qualquer tipo de penalização.

Ao assinar abaixo, indica que leu e compreendeu este termo de consentimento livre e informado e que concorda em participar neste estudo.

Assinatura, _____ Data ____/____/20__

Informações de contacto

Se tiver alguma dúvida sobre este estudo, entre em contacto com o Investigador principal:

Contacto: Maria João Vargas Moniz / Maria Inês Cristóvão

E-mail: maria_moniz@ispa.pt ou 28521@alunos.ispa.pt

Endereço: Rua Jardim do Tabaco, 34 1149-041 Lisboa


Anexo D – PowerPoint Focus Group



Discussão Focus Groups

A perspectiva profissional acerca do fenómeno da acumulação animal em Portugal: Um interfase entre o direito humano e animal

MARIA INÉS CRISTÓVÃO



PRÁTICAS DE SUCESSO

Discussão sobre abordagens multidisciplinares:

- Criação e acompanhamento de equipas pluridisciplinares
- Cooperação entre entidades

Sensibilização para os perigos de saúde pública e dos próprios animais

Estratégias para conquistar a confiança do acumulador



PRÁTICAS DE SUCESSO

Discussão sobre abordagens focadas no animal:

- Sistemas de alerta
- Esterilização obrigatória
- Retirada gradual dos animais
- Canalização para adoção
- Limitar o acesso a novos animais e licenciar os atuais
- Campanhas de sensibilização

RECOMENDAÇÕES SÓCIO-POLÍTICAS



Que políticas públicas poderiam ser criadas para apoiar melhor estes casos?

Com base na sua experiência ou percepção, o que poderia ser feito para melhorar a gestão destes casos?

Existe mais alguma coisa que gostaria de acrescentar sobre o tema?

EM CASO DE DÚVIDA

Informações de contacto

Se tiver alguma dúvida sobre este estudo, entre em contacto com o investigador principal:

Contacto: Maria João Vargas Moniz /
Maria Inês Cristóvão
E-mail: maria_moniz@ispa.pt ou
28521@alunos.ispa.pt



Anexo E – Flyer Focus Group

Questionário Demográfico

Nome

1. Iniciais primeiro e segundo nome (e.g, FS)
2. Mês e ano de nascimento (011998)
3. Últimos 2 dígitos número telemóvel (73)

Exemplo final: FS-011998-73): _____

Idade: _____

Género: Masculino

Feminino

Outro

Prefiro não responder

Área de Intervenção

Profissional: _____

Número de anos de experiência na área profissional? _____

Práticas consideradas como sendo de sucesso



Qual a sua opinião?

Retirada gradual dos animais



Sistemas de alerta e campanhas de sensibilização



Retirada progressiva



Abordagem One health



Esterilização obrigatória



Canalização para adoção



Limitar o acesso a novos animais e licenciar os atuais



Intervenção pluridisciplinar



Anexo F – Tabelas

Tabela 1 e 2

Contributos sobre as potenciais estratégias de intervenção que os profissionais consideraram mais eficazes

Intervenção com foco no animal	Intervenção pluridisciplinar	Sistemas de alerta	Sugestões de planos de intervenção	Campanhas de sensibilização
Abordagem <i>One Health</i>	Deteção precoce, acompanhamento	Alertar profissionais de saúde mental e serviços sociais.	Acompanhamento da situação à posteriori.	Sensibilização e acompanhamento exaustivo da situação.
Esterilização dos animais envolvidos	Acompanhamento multidisciplinar		Coimas mais apertadas.	
Esterilização obrigatória	Cooperação entre entidades Criação de equipa		Acompanhar assiduamente as pessoas com esse problema de forma a educar e(tentar)controlar a situação de forma a minimizá-la.	
Adoção	multidisciplinar			
Retirada gradual dos animais	Intervenção multidisciplinar			
Esterilização dos animais que se encontram no local.	Deve existir uma abordagem multidisciplinar: saúde animal, saúde humana (psicologia).		Responsabilizar o responsável e dar-lhe poder para encaminhar os animais, escolher quais ceder, quais adotar. Mais que "castigar", fazer uma parceria com essa pessoa para juntos resolvermos a situação.	
Esterilização dos animais.	Diálogo, desconstrução mental. Atuação com técnicos da área social (assistentes sociais e			

Limitar o acesso a novos animais e licenciar os atuais, caso possível.	psicólogos) e da área médica (enfermeiros, médicos e psiquiatras).	Vigilância
Esterilização em massa	Intervenção pluridisciplinar sempre. Junto a	Retirar os animais em excesso, manter 1 animal com o tutor e acompanhamento psico social periódico obrigatório.
Canalização para adoção	profissionais de saúde, assistentes sociais e amigos e familiares (se	Colaboração entre entidades, nomeadamente GNR ou PSP, Ação social, autoridade de saúde humana e veterinária.
Retirada progressiva	houver essa rede de confiança para o acumulador, por vezes a ligação que nos permite começar). Na maioria das situações de acumulação há múltiplas carências, problemas de saúde da pessoa acumuladora.	Tentar conquistar a confiança da pessoa acumuladora e estabelecer metas para resolver o problema.
	Ação conjunta multidisciplinar	
	Acompanhamento social dos intervenientes	
	Acompanhamento pluriprofissional da pessoa acumuladora	
	Criar uma equipa multidisciplinar que conseguisse servir de triagem nesses casos todos	

Tabela 3*Contributos sobre as barreiras e desafios encontrados pelos profissionais ao intervir em casos de acumulação animal*

Falhas na comunicação e dificuldades em trabalhar em equipa	Ausência de recursos/crenças profissionais	A pessoa acumuladora
Dificuldade em aceitar a abordagem holística e aceitar a liderança por parte de um dos elementos da equipa.	Ausência de equipa multidisciplinar	Falta de colaboração dos acumuladores
construir uma equipa multidisciplinar motivada.	Falta de experiência em lidar com doentes mentais humanos	A abordagem inicial junto do acumulador é sempre difícil e a solução para os animais.
Ou onde há um preconceito e a doença mental anteriormente diagnosticada serve com "bode expiatório" para a situação de acumulação...E só caso a caso se poderá saber se há relação ou não. Ao início quando chamei os profissionais de	Falta de conhecimento dos profissionais em tratar estas situações. Falta de suporte legal para atuar; trabalhar com transtornos mentais sem conhecimentos na área e sem apoio. A crença de que o "cuidador" faz um trabalho melhor que qualquer CRO ou Associação.	Diálogo dificultado e apego emocional. Carências de ordem económica, social, afetiva, etc. Dificuldade em comunicar com o acumulador, falta de consistência do acompanhamento por indisponibilidade do acumulador.

<p>suporte social para questões de acumulação, a reação foi de surpresa porque tínhamos que trabalhar em conjunta? mas a situação alterou-se...no entanto é sempre extremamente complexo e demorado.</p> <p>Falta da participação multidisciplinar o desinteresse das outras profissões pois são "só animais".</p> <p>A dificuldade de reunir as boas vontades das diversas entidades, pois só com trabalho conjunto podemos chegar a resultados.</p> <p>Falta de articulação com psicólogos, psiquiatras e assistentes sociais para tratar o problema como um todo.</p>	<p>Ausência de capacidade (lotação) do CRO para recolha, ainda que compulsiva.</p> <p>Falta de acompanhamento de uma equipa multidisciplinar.</p> <p>A questão psicológica. Muitos senãos quase todos têm incapacidade de perceber que é um problema.</p> <p>Falta de espaço, falta de apoio por parte de entidades oficiais nas áreas sociais, na compreensão de que o problema da acumulação animal não é apenas responsabilidade dos CRO em retirar os animais, mas também é importante garantir que a doença que leva a que ocorra a acumulação seja acompanhada/tratada.</p> <p>A falta de apoio de outras equipas de intervenção, nomeadamente os serviços de ação social municipal, a delegação de</p>	<p>Barreiras muitas vezes de comunicação com as pessoas acumuladoras. A maioria das pessoas que tenho encontrado vivem sozinhas. Ou então em núcleos de dois. Com poucos ou nenhuns laços familiares. Os laços que tem são com os animais. Tenho encontrado vários casos de saúde mental diagnosticada (esquizofrenia, síndrome borderline, asperger, depressão...) e outros que nunca tiveram qualquer avaliação médica, psicológica.</p> <p>A grande maioria das pessoas que tenho encontrado pouco saem de casa, não tem vida social. Isto torna extremamente complexa a atuação, porque chamam os Médicos veterinários para situações que tem que ser abordados com</p>
--	---	---

saúde e o próprio Ministério Público.	vários profissionais em simultâneo. Não colaboração do acumulador Características psicológicas do acumulador e locais para colocar os animais. Comunicação Pessoas não querem ser ajudadas. A ligação emocional do/a acumuladora. Reincidência
---------------------------------------	--

Tabela 4

Contributos sobre qual o potencial da intervenção pluridisciplinar articulada entre profissionais de saúde animal e profissionais de suporte social

Elevado potencial	Elevado potencial com dificuldades de articulação
Elevadíssimo-vários atores e várias disciplinas em articulação inter e transdisciplinar.	Muito potencial, mas a articulação é muito difícil.

<p>Imprescindível: será a única forma de colmatar estas questões.</p> <p>A meu ver o potencial é enorme</p> <p>Essencial, tem de ser articulado</p> <p>o caminho é por aí...é um problema de saúde mental.</p> <p>Será uma situação fantástica</p> <p>Deve ser primordial e desde o início</p> <p>Muito positivo - possibilita a abordagem do problema pelas várias frentes, tanto animal como humano.</p> <p>Essa abordagem integrada é especialmente relevante em contextos que envolvem situações de vulnerabilidade social ou condições que afetam tanto o ser humano quanto o animal, como em casos de maus-tratos, abandono ou dificuldades financeiras e emocionais.</p> <p>Essa abordagem colaborativa permite que os profissionais atuem de forma mais holística e eficaz, levando em conta tanto as necessidades dos animais quanto as dos seres humanos, criando soluções que favoreçam ambas as partes.</p> <p>Potencial máximo</p>	<p>Em situações de acumulação a intervenção pluridisciplinar permite uma resposta mais adequada e efetiva. Contudo, faltam mecanismos que "automatizem" os procedimentos, desencadeando uma resposta pluridisciplinar perante o aparecimento de um caso. Atualmente fica um pouco à consideração do técnico que recebe inicialmente o caso, o envolvimento de outros profissionais.</p> <p>Muito potencial, raramente vi a acontecer de forma adequada.</p> <p>Limitado, pode não resolver</p> <p>No meu município está a ser difícil estabelecer esta ajuda.</p>
---	---

Melhor forma de resolver este tipo de situação

Fundamental, só assim se conseguem controlar algumas situações.

Abordagem de todos os problemas associados- saúde pública, avaliação psicológica do acumulador e avaliação das condições de BEA e saúde dos mesmos.

É essencial essa articulação para resolver as situações

Melhor atuação neste tipo de situação

Melhor articulação e comunicação

Alto, o trabalho deveria ser sempre pluridisciplinar

Muito importante. Poderá ser um dos meios de evitar no futuro uma nova acumulação.

Tem o máximo potencial, aliás, é a única abordagem possível e eficaz para controlar o problema.

O potencial é enorme e é assim que se deve intervir

Imenso

Muito forte

Tabela 5

Contributos sobre os desafios da intervenção articulada entre profissionais com responsabilidade da promoção da saúde animal e os profissionais de suporte social e da saúde mental.

Coordenação e sensibilização das equipas	Formação	Complexidade da intervenção	Disponibilidade/falta de recursos	Questões legais e protocolos	Falta de compreensão sobre o fenómeno da AA	Comunicação entre profissionais/ trabalho em equipa	A pessoa acumulada ra
Coordenação dos esforços; sensibilização dos intervenientes na área.	Formação para liderar estas equipas mediante uma abordagem holística em uma saúde.	Complexidade no tratamento de múltiplas dimensões Um desafio contínuo é como lidar com a complexidade de uma intervenção que aborde tanto as necessidades de um ser humano quanto as de um animal. Isso exige uma abordagem holística	Dificuldade de planeamento muitas vezes por desvalorização do problema. Pertence a todos à administração pública portuguesa. Têm de empurrar. Haver disponibilidade de todos	Questões legais e éticas Falta de protocolos e diretrizes claras Respeito às necessidades emocionais dos animais e humanos	Não há resposta nem reconhecimento do problema de saúde mental. o internamento compulsivo não está a ser exequível pelo SNS Não haver entendimento acerca do facto	Conseguirmos reunir e falar cooperação e articulação de intervenções Primeiro articularem-se, ouvirem-se. Tem que arranjar um modo de estarem em contato e de parte a parte informaram-se, aprenderem se calhar mais fora da sua área,	Conseguir fazer o acumulador entender que tem um problema/"doença" e que precisa de ajuda destes profissionais. Conseguir sensibilizar

<p>abordagens de cada área.</p> <p>Coordenação</p> <p>Por vezes os colegas de saúde mental não entendem que remoção dos animais não resolve os problemas de acumulação de animais.</p> <p>Trabalhar em conjunto nestes processos, criar talvez uma comissão municipal para análise e intervenção nesta temática.</p> <p>Coordenação e comunicação entre os profissionais.</p>	<p>que leve em consideração a saúde física, emocional e social dos dois, e que muitas vezes requer tempo, paciência e uma metodologia cuidadosa.</p>	<p>Como já referido, faltam mecanismos que "automatizem" os procedimentos, desencadeando uma resposta pluridisciplinar perante o aparecimento de um caso. Atualmente fica um pouco à consideração do técnico que recebe inicialmente o caso, o envolvimento de outros profissionais.</p> <p>Fracamente disponíveis e limites de paciência reduzidos.</p> <p>Disponibilidade dos profissionais de saúde para nos</p>	<p>de acumulação animal ser um problema social, saúde mental e não um problema meramente veterinário.</p> <p>O bom entendimento falta de disponibilidade e comunicação. Prioridades diferentes. Há linguagem diferente o que leva a entendimentos diversos sobre o mesmo problema.</p> <p>Preconceitos ou resistência a colaborações interprofissionais.</p> <p>Obter resultados positivos</p>	<p>para poderem relatar e comunicar situações quando andam no terreno que poderão ter intervenções em conjunta.</p> <p>O bom entendimento falta de disponibilidade e comunicação. Prioridades diferentes. Há linguagem diferente o que leva a entendimentos diversos sobre o mesmo problema.</p> <p>Preconceitos ou resistência a colaborações interprofissionais.</p> <p>Obter resultados positivos</p>	<p>e convencer o acumulador a colaborar.</p> <p>O</p> <p>s desafios serão sempre o facto do acumulador não perceber a necessidade de modificar os seus comportamentos</p> <p>A capacidade de fazer um acompanhamento eficaz da pessoa e</p>
---	--	---	--	--	---

acompanharem e
interesse, pois
muitas vezes as
situações que
incluem animais não
são levadas em
consideração, nem
são uma prioridade.

Limitação
s de recursos e
financiamento

Pouca
disponibilidade,
cenários para os
quais a parte social
não parece estar
preparada (animais).

A falta de
interesse do
Ministério Público

conseguir
que se esta
se
"desligue"
dos animais
e os possa
dar para
adoção.

Anexo G – Diagrama de contributos

